

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“Júlio de Mesquita Filho”  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Campus de Rio Claro

ÉDER RODRIGO VARUSSA

**OS IMIGRANTES ALEMÃES NO BAIRRO RURAL DE FERRAZ:  
TERRA, IDENTIDADE, MEMÓRIAS E  
PATRIMÔNIO CULTURAL**

RIO CLARO - SP  
2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“Júlio de Mesquita Filho”  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Campus de Rio Claro

ÉDER RODRIGO VARUSSA

**OS IMIGRANTES ALEMÃES NO BAIRRO RURAL DE FERRAZ:  
TERRA, IDENTIDADE, MEMÓRIAS E  
PATRIMÔNIO CULTURAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador (a): Profa. Dra. Bernadete Ap.  
Caprioglio de Castro

RIO CLARO - SP  
2017

910.1181 Varussa, Éder Rodrigo  
V327i Os imigrantes alemães no bairro rural de Ferraz : terra,  
identidade, memórias e patrimônio cultural / Éder Rodrigo  
Varussa. - Rio Claro, 2017  
102 f. : il., figs., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Orientadora: Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro

1. Geografia da população - Brasil. 2. Relações sociais. 3.  
Pertencimento. 4. Identidade. 5. História social. 6. Ferraz. I.  
Título.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“Júlio de Mesquita Filho”  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Campus de Rio Claro

ÉDER RODRIGO VARUSSA

**OS IMIGRANTES ALEMÃES NO BAIRRO RURAL DE FERRAZ:  
TERRA, IDENTIDADE, MEMÓRIAS E  
PATRIMÔNIO CULTURAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Comissão Examinadora

1. Prof. Dra. BERNADETE APARECIDA CAPRIOGLIO DE CASTRO - Orientadora  
IGCE/UNESP/ Rio Claro (SP)
2. Prof. Dra. LUCIENE CRISTINA RISSO  
UNESP/ Ourinhos (SP)
3. Dr. AMILSON BARBOSA HENRIQUES  
Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro/SP

RIO CLARO - SP  
2017

*Dedico este trabalho a todos os descendentes das Famílias Alemãs de Ferraz, como forma de valorização de suas origens.*

## **AGRADECIMENTOS**

Um caminho percorrido, uma etapa tão sonhada foi concluída. Em primeiro lugar agradeço a Deus, que me proporcionou sabedoria, saúde e força nos momentos de dificuldade.

Agradeço a minha mãe, Damaris, que sempre me apoiou e auxiliou, a minha irmã Laís e avó Doracy pelo carinho e incentivo.

Um agradecimento especial a minha grande amiga Francielly Naves Fagundes, que sempre me auxiliou para o bom andamento e finalização desta pesquisa e também a todos os amigos que estiveram comigo nesta caminhada.

Desejo dar um imenso agradecimento a minha amiga e orientadora Professora Doutora Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro, que depositou sua confiança, auxiliando-me no desenvolvimento e finalização da pesquisa.

Agradeço também de coração, todos os professores que fizeram parte da minha formação.

E finalizando, agradeço a todos que estiveram comigo neste tempo de estudo de mestrado. Obrigado pelo incentivo e apoio.

## **RESUMO**

A imigração alemã no bairro rural de Ferraz é marcada por um caminho de lutas e histórias de vida, que perpassaram gerações e se mantêm vivas até os dias atuais. O trabalho no campo, a educação, a religiosidade e as festividades são marcas que possibilitaram reafirmar os laços de pertencimento e identidade das famílias alemãs em Ferraz. Dentro desse contexto, o objetivo desta pesquisa é identificar e analisar através da história social, como os imigrantes alemães que habitaram as terras da comunidade de Ferraz, conseguiram ali adaptar-se e criar raízes, desenvolvendo o local e deixando como herança o fortalecimento do sentimento de identidade e pertencimento aos seus descendentes. Nesse sentido, foram realizadas: pesquisa bibliográfica; revisão teórica (categoria de análise geográfica lugar e conceitos de patrimônio cultural, paisagem cultural, memória, identidade e bairros rurais); coleta de dados secundários; levantamento documental e coleta de dados primários, com imigrantes e descendentes antigos de Famílias Alemãs de Ferraz. Assim, foi possível apresentar características que propiciaram, a essas famílias alemãs, a garantia da sobrevivência e, ao mesmo tempo, a permanência de uma cultura que, apesar do tempo se manteve viva, sendo expressa pelas relações sociais, práticas rurais, espírito de integração, tradições e memórias, preservadas entre seus atuais sucessores. A recuperação da história social dessa comunidade alemã foi construída a partir de registros fotográficos e entrevistas, mostrando a forte ação humana na construção e formação do lugar.

**Palavras-chave:** relações sociais; pertencimento; identidade; história social; Ferraz.

## **ABSTRACT**

German immigration in the rural district of Ferraz is marked by a path of struggles, and life experiences, which have spanned generations, and have been alive today. Job in the countryside, education, religiosity and festivities are trademarks that have made it possible to reaffirm the bonds of belonging and identity of the German families in Ferraz. In this context, the objective of this research is to identify and analyze through social history, how as the German immigrants who inhabited the lands of the community of Ferraz, managed to adapt and settle down, developing the place, and leaving as inheritance the Identity and belonging to their descendants. In this sense a bibliographic research was carried out; Theoretical review (category of geographical analysis Place and concepts of Cultural Heritage, Cultural Landscape, Memory, Identity and Rural Districts); Secondary data collection; Documentary collection and primary data collection (with immigrants and former descendants of German Families of Ferraz). In this way, it was possible to present characteristics that provided these German families with survival guarantee and, at the same time, the permanence of culture, despite of time, was kept alive, being expressed by social relations, rural practices, spirit of integration, traditions and memories, preserved among their current successors. The recovery of the social history of this German community was constructed from photographic records and interviews, showing the strong human action in the construction and formation of the place

**Keywords:** social relations; belonging; identity; social history; Ferraz.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1-</b> Mapa de localização da área geográfica de Ferraz. ....	30
<b>Figura 2-</b> Antiga estação ferroviária “Ferraz”, que deu início à formação de Ferraz. ..	35
<b>Figura 3-</b> Primeira Escola Mista Rural de Ferraz – Ano:1945. ....	37
<b>Figura 4-</b> Jovens e Crianças de Ferraz em banho de rio, atividade de lazer, em 1985..	38
<b>Figura 5-</b> Primeiro time de futebol de Ferraz, denominado Germânia Futebol Clube, composto por jogadores de famílias alemãs. ....	43
<b>Figura 6-</b> Grupo Teatral da SDD Ferrazense, em 1957, composto, sobretudo, por descendentes de alemães. ....	43
<b>Figura 7-</b> Viveiro instalado na propriedade rural da Família Mackey em Ferraz. ....	45
<b>Figura 8-</b> Travessia com carro de boi no rio que cortava as propriedades rurais, encaminhando os produtos agrícolas até o ponto de destino em 03 de fevereiro de 1929. ....	46
<b>Figura 9-</b> Casa de madeira onde eram realizados os primeiros cultos e escola dos alemães em Ferraz (1911).....	51
<b>Figura 10-</b> Turma de Escola Dominical na Propriedade Rural de Ferraz. ....	53
<b>Figura 11-</b> Inauguração do Templo da Igreja Luterana de Ferraz, em 28 de Outubro de 1928. ....	54
<b>Figura 12-</b> Festa da Igreja Luterana na Residência do Senhor João Jacob Lautenschlager, em 1930, em Ferraz.....	55
<b>Figura 13-</b> Primeira confirmação de Fé com o Pastor Gehard Graetz, em 1946.....	56
<b>Figura 14-</b> Primeiro Coral de quatro vozes formado por descendentes alemães, em 1963, em Ferraz. ....	57
<b>Figura 15-</b> Igreja Luterana de Ferraz atualmente. ....	58
<b>Figura 16-</b> Primeiro Grupo Escolar Alemão, no Vilarejo de Ferraz em 1935. ....	59
<b>Figura 17-</b> Alzira Grossklaus, primeira descendente da Família Grossklaus. Deixou o Município de Leme-SP para residir em Ferraz.....	62
<b>Figura 18-</b> Senhor Mané Sabino, negro e ex-escravo, residente da Família Grossklaus. ....	63

<b>Figura 19-</b> Emilio Habermann, neto de alemães, nascido em Leme-SP. Foi morar em Ferraz com seus pais.....	64
<b>Figura 20-</b> Carlos e Lídia Habermann, tios de Ailton e Lair Habermann, no ano de 1950. ....	66
<b>Figura 21-</b> Família Lahr, Patriarca e Matriarca e seus filhos – Ano:1915. ....	67
<b>Figura 22-</b> Plantação de trigo na propriedade rural da Família Lahr, na estrada do Matão, próximo a Ferraz. ....	69
<b>Figura 23-</b> Conjunto musical da Família Lahr. ....	70
<b>Figura 24-</b> Johan Gottlieb Lautenschlager, sua esposa Cleode Iost e seus onze filhos. ....	72
<b>Figura 25-</b> João Jacob Lautenschlager e sua esposa.....	73
<b>Figura 26-</b> Julia Frida Lautenschlager. ....	75
<b>Figura 27-</b> Martha Cleopha Lautenschlager e duas crianças na comunidade de Ferraz.....	77
<b>Figura 28-</b> Orquestra Musical coordenada por Nilson Lautenschlager.....	78
<b>Figura 29-</b> Os Patriarcas da Família Mackey – O casal Lina Maria e Guilherme Mackey ao centro, com os filhos Ernesto e Helena Mackey.....	80
<b>Figura 30-</b> O casal Conrado Schranck e Amélia Schmoneck Schranck, pais de Reovaldo Schrank.....	82
<b>Figura 31-</b> Casamento de Conrado Schranck. ....	83
<b>Figura 32-</b> O casal Sebastiana e João Schneider, pais do senhor Milton Schneider. ....	85
<b>Figura 33-</b> Tortas de maçã e Apfel Strudel – fabricados pelas senhoras alemãs de Ferraz. ....	87
<b>Figura 34-</b> Coral Luterano de Ferraz se apresentando no aniversário da Igreja.....	90
<b>Figura 35-</b> Barraca dos doces da Festa da Primavera do ano de 2015. ....	92

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1-</b> Dada sobre população, faixa etária e domicílios de Ferraz. ....	32
<b>Tabela 2-</b> Dados referentes à 6ª Zona de Imigração, em 1920, em Ferraz e Corumbataí. .....	36
<b>Tabela 3-</b> Número de imigrantes em Rio Claro- SP, ano de 1872. ....	40
<b>Tabela 4-</b> Localização e número de propriedades rurais de 1 a 50 hectares que abrange a área rural de Ferraz abrange.....	49

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2. A FORMAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DE FERRAZ.....	29
2.1. Caracterização da Área.....	29
2.2. Histórico: do advento da ferrovia ao início do vilarejo e povoado de Ferraz .....	33
2.3. Histórico: formação da comunidade alemã em Ferraz .....	39
2.3.1 As propriedades rurais alemãs e o uso das terras.....	44
2.3.2 Grupo escolar e religioso nas propriedades rurais alemãs .....	50
2.3.3 A Igreja Luterana e a escola no vilarejo de Ferraz .....	53
3. AS FAMÍLIAS ALEMÃS E O COTIDIANO NO BAIRRO .....	60
3.1. As Famílias Alemãs em Ferraz.....	60
3.2. A herança cultural alemã na contemporaneidade: festividades em Ferraz.....	86
3.2.1 Tarde de pratos na comunidade alemã.....	86
3.2.2 Culto da colheita .....	88
3.2.3 Aniversário da Igreja Luterana de Ferraz .....	89
3.2.4 Festa da Primavera.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	96
APÊNDICE A .....	100
APÊNDICE B.....	101

## INTRODUÇÃO

As pesquisas de imigração na Geografia Cultural possibilitam identificar, através de aspectos materiais e imateriais de um determinado grupo social, as crenças, os costumes e valores em comum, bem como as ações que determinado grupo desenvolve com o lugar onde está inserido e com as pessoas à sua volta. Isso permite uma maior compreensão quanto à dinâmica social materializada no espaço por uma comunidade, como acontece em Ferraz.

A falta de pesquisas quanto ao fortalecimento da fixação dos povos alemães na comunidade de Ferraz e, sobretudo, o interesse, a curiosidade por aquela Comunidade e o pertencimento conduziram o pesquisador para esta investigação.

Diante disso, o objetivo desta pesquisa foi identificar e analisar como os imigrantes alemães que habitaram as terras da comunidade de Ferraz, conseguiram ali adaptar-se e criar raízes, desenvolvendo o local e deixando como herança o fortalecimento do sentimento de identidade e memórias aos seus descendentes.

Dentre os objetivos específicos têm-se:

- a) Apresentar um resgate histórico sobre a imigração alemã na comunidade de Ferraz.
- b) Apresentar e analisar as mudanças ocorridas na comunidade de Ferraz, desde a imigração até os dias atuais, assim como a trajetória de algumas famílias.
- c) Analisar como o sentimento de pertença e identidade dos povos alemães permanecem vivos ainda hoje;
- d) Verificar como a cultura alemã foi importante e permanece atuante na localidade;
- e) Identificar e analisar laços de sociabilidade entre as famílias.

A área de estudo localiza-se do lado norte da malha urbana de Rio Claro, Estado de São Paulo, distando aproximadamente 20 km da cidade de Rio Claro e 9 km de Corumbataí, tendo seu processo de formação histórica ligado à construção da ferrovia, no ano de 1883, dando início à constituição de Povoado, passando como Área Urbana Isolada a partir de 2013, de acordo com dados do IBGE e Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento e Meio Ambiente do município de Rio Claro-SP.

Na pesquisa bibliográfica foram utilizados livros, teses, dissertações e artigos, coletados na Biblioteca da UNESP - Campus de Rio Claro-SP e em sites.

Foi referenciada a categoria de análise geográfica, Lugar, definida a partir de: Le Bourlegat (2006), Carlos (1996 e 2001), Ferreira (2002), Santos (1999), Tuan (1980).

Além disso, utilizam-se os conceitos de: Patrimônio Cultural, Paisagem Cultural, Memória, Identidade e Bairros Rurais.

Também foram coletados dados secundários, no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Agência IBGCE Rio Claro, referente à população, gênero, idade, quantidade de domicílios ocupados e não ocupados. Foram coletados no “Relatório das propriedades rurais familiares em Rio Claro-SP”<sup>1</sup>, dados sobre a estrutura fundiária e localização das propriedades rurais familiares (até 50 hectares) de Ferraz. Sobre as ruas e avenidas de Ferraz, os dados foram fornecidos pela Secretaria de Planejamento, Desenvolvimento e Meio Ambiente – SEPLADEMA, do município de Rio Claro.

No levantamento documental, foram coletados documentos no Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro; na Igreja Luterana da comunidade de Ferraz e do Município de Rio Claro, no Museu Colégio Koelle no município de Rio Claro, e no arquivo pessoal de famílias descendentes alemãs e do autor.

Para a coleta de dados primários, foi realizada uma entrevista semiestruturada (Apêndice A), com imigrantes e descendentes antigos de cada família alemã de Ferraz, com o objetivo de abordar temas como: origem e trajetória das famílias, relatos da vida no campo, dificuldades, participação social, trabalho, religião, educação, alimentação e costumes. Também foi realizada uma entrevista semiestruturada (Apêndice B), com descendentes e familiares de descendentes alemães de Ferraz, com o objetivo de tratar das festas e eventos tradicionais, que marcam o calendário da comunidade alemã em Ferraz, como a *Tarde de Pratos*, *o Culto da Colheita*, *o Aniversário da Igreja* e *a Festa da Primavera*.

Trata-se, portanto, de uma construção metodológica mais próxima da história social, conforme aponta Hebe Castro (1997)

Frente à multiplicação de objetos e abordagens, a partir das temáticas clássicas em história social, não me parece mais factível caracterizá-la como especialidade da disciplina histórica. A história social mantém, entretanto, seu nexos básico de constituição, enquanto forma de abordagem que prioriza a experiência humana e os processos de diferenciação e individuação dos comportamentos e identidades

---

<sup>1</sup> Relatório Técnico apresentado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq, desenvolvido membros do Núcleo de Estudos Agrários – NEA, vinculado ao Departamento de Geografia do IGCE – UNESP/Campus de Rio Claro em parceria com a Secretaria de Agricultura do município de Rio Claro- SP de Setembro de 2012.

coletivo sociais – na explicação histórica.(CASTRO, 1997, p.89, Cap.02)

Outro elo importante para a construção da história social é a história oral, pois permite, por meio de ferramentas auditivas, transcrever experiências, ou relatos de vida, acontecimentos que marcaram a trajetória de um grupo ou mesmo de uma só pessoa ao longo do tempo, trazendo informações relevantes, que identificam a sua identidade e existência, de acordo com o seu modo de observação e lembranças de vida.

O primeiro capítulo relata a formação do patrimônio cultural que é o elemento formador da identidade de um povo e que engloba a paisagem cultural, valorizando a cultura humana e o ambiente natural. Faz-se uma abordagem sobre conceito de lugar, onde transcendem memórias, sentimentos, aspirações dos indivíduos, reforçando laços de pertença e identidade.

No capítulo dois é realizada uma panorâmica sobre a constituição de Ferraz, interligada à ferrovia, até a formação do vilarejo; características da área de estudo, de clima, temperatura, pluviometria, relevo, hidrografia, uso e ocupação do solo e dados demográficos; a vinda dos povos alemães e o início da formação cultural alemã em Ferraz; relatos sobre a formação religiosa e educacional desses alemães nas propriedades rurais e no vilarejo, dando ênfase à forte ligação entre religião e educação.

No terceiro capítulo é apresentada a história das famílias alemãs que se estabeleceram na comunidade de Ferraz. Assim, por meio de elementos da história oral, há relatos de descendentes alemães que residem naquele lugar e preservam a memória de origem na localidade. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, colocando-os como sujeitos e com grande valorização de memória, apresentando relatos e evidências que contribuíram para a construção histórica dessas famílias. As famílias entrevistadas foram: a) Grossklaus; b) Habermann; c) Lahr; d) Lautenschlager; e) Mackey; f) Schrank; g) Schneider. Vale evidenciar que essas famílias integraram o grupo de pioneiros que vieram trabalhar nas fazendas de café do interior paulista, no ano de 1847, em colônias alemãs diferenciadas. Ainda neste capítulo, são expostos os aspectos da cultura alemã que ainda permanecem vivos entre os descendentes que residem em Ferraz, principalmente voltados à religião luterana, como as festas e eventos, que são tradicionais e que marcam o calendário de Ferraz como: Tarde de Pratos, Culto da Colheita, Aniversário da Igreja e Festa da Primavera.

## 1. REFERENCIAL TEÓRICO

Ao se fazer referência ao patrimônio cultural, é importante lembrar que essa conceituação abrange elementos materiais e imateriais, sendo considerado o principal elemento formador e de afirmação da identidade de um povo, reforçando laços de pertença do indivíduo com um lugar ou com a história do lugar, contribuindo para a construção da memória individual e coletiva.

Segundo Nigro (2010, p.55) nos últimos anos, o interesse pela temática do patrimônio cultural tem-se ampliado significativamente. Hoje, o patrimônio cultural adquiriu uma visibilidade e importância nunca vistas. Assim, segundo elucida o autor, assistimos à disseminação de uma espécie de consciência patrimonial que parece atingir a todos, muitas vezes como uma espécie de culto popular ou fé religiosa, “[...] em função da ameaça de desaparecimento, esquecimento, ou indiferença a bens culturais e naturais.”

Costa Cordeiro (2010; 2011 apud Santos, 2014, p.19), aponta que o patrimônio cultural revela mensagens de espaços construídos e cristalizados em paisagens que representam sociedades pretéritas. Assim, artifícios de revalorização do patrimônio acontecem “através dos processos históricos, que emitem informações apreendidas por cada indivíduo de acordo com a sua visão social de mundo.”. Dessa forma, o patrimônio cultural representa o agente ativo de memória local, pois é produzido por indivíduos, e passado de geração a geração, como espécie de herança, constituindo um elo entre passado e presente e possibilitando a criação de uma identidade própria.

Nessa perspectiva firmada por grupos e indivíduos é objeto de estudo da Geografia Cultural, tendo-se, também, o conceito de Paisagem Cultural.

A Paisagem Cultural foi inicialmente descrita, a partir da análise das influências da natureza sobre os indivíduos e descrição de áreas ocupadas pelos homens na superfície terrestre. Um expoente desse conceito é o geógrafo alemão Ratzel (1880), em sua obra clássica *Antropogeografia*, criando a corrente do Determinismo na Geografia Clássica. Posteriormente, outro autor, Vidal de La Blache, trabalhou com o conceito de paisagem, mas na corrente do Possibilismo, em 1882 – o homem cria possibilidade no meio em que vive. Essa última corrente foi seguida também pelos autores Demartonne, Brunhes, Demageon.

Uma nova interpretação do conceito de Paisagem Cultural, entretanto, tomou consistência a partir do século XX, especificamente no ano de 1925, com o nascimento



da Escola de Berkeley, protagonizada por Carl Sauer. Nessa escola de pensamento, tinha-se a concepção de que a produção física da paisagem deveria ser estudada antes e durante a ocupação humana, bem como as representações e marcas deixadas por ela. De acordo com Duncan (apud Corrêa 2003, p.11), Sauer considerava a cultura como uma entidade supra orgânica, com leis próprias, que pairavam sobre os indivíduos. A cultura era, assim, concebida como algo exterior aos indivíduos de um dado grupo social.

As ideias de Carl Sauer foram duramente criticadas por geógrafos adeptos de outras correntes, mas, ao mesmo tempo, elas influenciaram a renovação da Geografia, e a formação de um primeiro movimento da Geografia Cultural, a partir da adoção de concepções temáticas ligadas a símbolos, significados, e à interpretação de patrimônio (edificado e imaterial) da paisagem, presentes até a atualidade.

A partir da década de 1970, segundo Costa e Gastal (2010), iniciou-se o processo de formação de uma nova Geografia Cultural, conferindo consistência científica à paisagem cultural e estimulando a retomada de sua importância.

A paisagem cultural, nesse período, passou a ter leitura e análise, considerando a amplitude dimensional – física e objetiva e simbólica e subjetiva, incluindo aspectos materiais, até a utilização de representações que os indivíduos elaboram sobre sua comunidade ou grupo, a fim de compreender sua constituição. Sobre isso, Cosgrove (2002), traz os seguintes apontamentos sobre a paisagem cultural como patrimônio,

Pero el estudio geográfico hoy en día abarca variadas expresiones de espacio relativo definidas por coordenadas de experiencia e intención humanas culturalmente diversas. De igual modo, la vista, la visión y el propio acto de ver como implican estas palabras tan variadas traen consigo mucho más que una simple respuesta de los sentidos, es decir algo más que la huella pasiva y neutra de las imágenes formadas por la luz en la retina del ojo. La vista humana es individualmente deliberada y está culturalmente condicionada. (COSGROVE 2002, p. 66).

Assim, na análise e interpretação de Cosgrove (2002), a categoria Paisagem, está inserida no contexto histórico, permitindo conhecer a sua formação e seu desenvolvimento, delineando a definição de formação social, permitindo uma concepção integrada entre cultura e território.

Para Corrêa (2011, p.13), a compreensão da paisagem enquanto produto cultural, com os seus significados em torno das relações entre sociedade e natureza, implica considerá-la como “expressão fenomênica de modo particular como uma específica

sociedade está organizada em um dado tempo e espaço, isto é, uma dada formação econômica e social ou simplesmente formação social”.

No entanto, a ideia de inserção da paisagem como formação social, é uma contribuição de Cosgrove. Correa ainda aponta que ela permite descaracterizar a paisagem como fruto da cultura maior que pairava sobre a paisagem natural (conforme definia e apontava Sauer), mas considerando-a como uma força ativa que desempenha papel fundamental na reprodução da cultura de um local.

Além dessas definições geográficas, a Paisagem Cultural é considerada uma categoria, do Patrimônio Cultural, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO. Definida, no ano de 1992, em uma Convenção Mundial, o Brasil aplica essas definições e regras em seu patrimônio. Justifica-se esse debate devido às recorrentes ameaças de caráter cultural e social em todo o planeta, devido ao avanço dos processos de urbanização e globalização que massificariam as paisagens rurais e urbanas.

O patrimônio cultural é assim definido pela Constituição Brasileira de 1988:

O patrimônio cultural é formado por bens de natureza material e imaterial, tomadas individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 2007, p. 42).

Nota-se, assim, conforme expresso na Constituição brasileira, que o patrimônio cultural vai englobar a paisagem cultural, considerando-a uma categoria de patrimônio, valorizando a interatividade entre cultura humana e ambiente natural, pensando elementos formadores como modos de vida, crenças e expressões culturais, essenciais para a formação da memória de grupos e indivíduos.

Dessa forma, torna-se importante valorizar a paisagem cultural de uma localidade, mas não apenas no que se refere a elementos materiais – bens edificados –, mas também os elementos imateriais, ou seja, o conjunto de componentes intangíveis que a agregam, considerando sua complexidade, desde valores, manifestações, crenças, atribuídas individual e coletivamente.

Um segundo elemento que merece destaque nos estudos da Geografia Cultural, é o conceito de memória. Segundo Monastirsky (2009), a memória pode ser perpetuada através da transmissão oral de contos, histórias, manifestações, ritos, bem como documentada e edificada, caracterizando-se, assim, como uma forma de patrimônio cultural.

Para Pollack (1992, p. 204) [...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

A memória é destacada nos povos a partir de traços que os conservam vivos no decorrer das gerações, bem como os costumes, as festividades, os eventos, os lugares de memórias – lugares religiosos, escolares, familiares –, tudo o que reserva grandes lembranças e recordações.

Sobre a identidade cultural, Le Goff (1997) destaca que a identidade cultural de um país, estado, cidade ou comunidade se faz com memória individual e coletiva. Assim, somente a partir do momento em que a sociedade resolve preservar e divulgar os seus bens culturais é que se inicia o processo de construção de ethos cultural e de sua cidadania. No entanto a construção, estruturação e o sentido de identidade cultural, só se dão a partir da perspectiva do Lugar.

O lugar, como categoria de análise, é definido a partir da dinâmica da vida social, ou seja, onde os indivíduos se apresentam como são, onde estão inseridos em dada situação ou espaço. O pertencimento a um Lugar manifesta-se nas diferentes expressões cotidianas, seja pelas relações comunitárias, societárias ou familiares, despertando um sentimento de patriotismo e de afetividade. O lugar é evidenciado por Le Bourlegat (2006):

Cada espaço de vida é forma-conteúdo e um lugar existencial, pelo qual brota sentimentos de afetividade e de pertença. As diferentes formas de existência são animadas por conteúdos específicos de relação (familiares, comunitárias, societárias), ascendo por eles um sentimento de afetividade ou de lugar" (sentimento de lar, de pátria). As manifestações desse sentimento aparecem como bairrismo, nacionalismo. (LE BOURLEGAT, 2006).

Assim, os bairros, povoados, comunidades são Lugares, pois são espaços imediatos de vida das relações cotidianas, relações de vizinhança, encontro dos

conhecidos, laços de identidade entre os habitantes e entre os habitantes e o lugar (CARLOS, 1996; 2001). “Quanto mais profundamente se está dentro de um lugar, mais forte é a identidade com ele” (FERREIRA, 2002, p. 48).

Para Santos (1999, p. 65), “o sentimento de pertencimento a um determinado lugar constrói uma introspecção de valores que condiciona o modo de vida dos indivíduos”.

Para Tuan (1980, p. 3 - 6), “(...) espaço é mais abstrato que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor,” principalmente se pensarmos que esse valor, é reverenciado nos sentimentos de pertença, amor e afeto a ele atribuídos.

Para Sasaki (2010), o lugar é centro de significados, intenções ou valores sentidos ou percebidos; um foco de ligação emocional ou sentimental; uma localidade de significância sentida ou percebida.

Portanto, a identidade cultural de um Lugar é refletida pela forte ligação de convívio existente entre moradores vizinhos e o grau de afeto pela localidade a que pertencem. Os Lugares transcendem memórias, intenções, sentimentos, aspirações e emoções dos indivíduos, ao mesmo tempo em que o próprio indivíduo é suscetível às mudanças que ocorrem, sejam essas de caráter físico ou perceptível, sendo que indivíduo e lugar se completam.

Na análise geográfica, o bairro é considerado lugar de apresentação da vida permanente, seja esta distante ou mais próxima, como revela Carlos, 2001, p.244:

O bairro como nível da prática socioespacial se revela no plano vivido (envolvendo a categoria habitante), que mostra a condição da vida material, ganha sentido na vida cotidiana, expressando as condições da reprodução espacial no mundo moderno. [...] nessa dimensão concreta, ocorre à produção de laços de solidariedade e união dos habitantes [...] (CARLOS, 2001, p. 244).

Partindo desse contexto, os bairros rurais, são caracterizados como Lugar, pois são marcantes os laços sociais e a união das pessoas, permitindo uma análise na relação desse lugar com o espaço circundante e, principalmente, a maneira de dispersão das moradias, e uso do solo, para fixação das culturas agrícolas.

Os bairros rurais surgem como fruto da produção do espaço local, as transformações do ambiente, o trabalho nele exercido, o sentimento de pertencimento,

muitas vezes caracterizado como elos de herança e compra de terras, o trabalho no campo e busca de melhores condições de vida.

Nestes bairros rurais, verifica-se que, além da característica predominantemente agrícola, eles não se formaram isoladamente, mas sim a partir de um conjunto de fatores culturais, econômicos e sociais, cada qual com suas especificidades e peculiaridades.

Os bairros rurais apresentam conjunto de habitações variadas e dispersas, formando uma ligação e, segundo Lecocq-Muller (1966):

onde existem certos tipos de relações sociais a lhe dar corpo: laços de parentesco ou de vizinhança, reforçados frequentemente pela existência de uma venda, capela ou escola cujo raio de ação marca comumente os limites do bairro. (LECOQC-MÜLLER, 1946, p. 42)

De acordo com Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973, p.4), um bairro rural é caracterizado como a:

Configuração intermediária entre a família, de um lado, e de outro o arraial, ou a vila, ou a cidadezinha, o bairro apresentava as formas mais elementares de sociabilidade da vida rústica, que se alargavam em diferentes graus a partir dele, na seguinte escala: a) relações familiares; b) relações de vizinhanças; c) relações dos bairros entre si; d) relações com a região; e) relações com o exterior (isto é, com tudo que ultrapasse a região). (QUEIROZ, 1973, p.4).

Em um bairro rural, percebe-se que a união entre os membros é nitidamente expressa tanto na organização de suas propriedades, atribuindo responsabilidades, compartilhando em colaboração mútua no trabalho, quando os vizinhos se mobilizam para participar nas atividades e eventos do lugar.

Percebe-se, nesses bairros rurais, a inexistência de posição social entre as famílias donas de propriedades de terras, uma vez que todas desfrutavam de uma mesma condição de vida, de forma igualitária, o que permitia que todos os membros tivessem participação social efetiva junto à Comunidade.

Essa forma de posição social e sentimento de responsabilidade que mobiliza a participação social entre os membros em um Bairro Rural são expressos na fala de Queiroz, 1973, p.49, quando diz:

Bairro rural é aquele cujos membros, estando à frente de empreendimentos rurais de que guardam responsabilidade (mesmo quando não conservam a totalidade da colheita), desenvolvem entre si

relações de trabalho expressas na ajuda mútua, e conservam relações de vizinhança que se concretizam na participação, em nível social igualitário, das atividades quotidianas e festivas do grupo de localidade. (QUEIROZ, 1973, p.49).

Percebe-se, na realidade, que nos bairros rurais, as relações sociais é que vão configurar o funcionamento do grupo, pois os dois fatores principais – a ajuda mútua e a cooperação – é que vão polarizar as atividades a serem realizadas coletiva e periodicamente pelas famílias.

Outro ponto é que os bairros rurais podem reunir duas abrangências: uma que se refere à parte camponesa, e outra à parte dos agricultores, mas, em ambas, apesar da diferença econômica, as relações sociais entre os moradores permanecem as mesmas. Essa diferença de agrupamentos sociais é dita por Queiroz, (1973, p.53).

O bairro rural tradicional é composto de camponeses, ou melhor, cujos habitantes vivem num regime econômico primordialmente orientado para a subsistência; e o bairro rural moderno, que é composto por agricultores, isto é cujos habitantes vivem num regime econômico orientado para a comercialização dos produtos agrícolas. À parte esta diferença de economia, num e noutro tipo de bairro as relações sociais básicas entre as famílias e os indivíduos são as mesmas.

Em relação à parte política nos bairros rurais essa é meramente informal, não existem comitês partidários, pois, geralmente, esses estão ligados aos representantes políticos da cidade. Esse poder político em um bairro rural, no entanto, é associado a alguma figura de grande prestígio em alguma família, donos de armazém ou mesmo um comerciante conhecido, sendo considerado também uma atividade social de aproximação no local, como relatado no trecho de Queiroz;

Outra atividade social que poderia exercer o papel de aproximador entre os bairros rurais e a sociedade global é a atividade política. A vinculação política entre os eleitores dos bairros e a política organizada nacional é, porém, meramente informal; não existem centros ou comitês partidários, apenas eleitores e cabos eleitorais, estes últimos ligados de maneira pessoal a certos chefes políticos do município. (QUEIROZ, 1973, p.67)

No tocante à religião, podemos dizer que existem fortes relações entre as pessoas, principalmente em eventos festivos, ou mesmo em organização de confraternizações,

encontros religiosos nas casas ou na igreja dos bairros rurais, oportunidades em que se percebe o espírito de cooperação e união, fato revelado na própria fala de Queiroz;

As atividades religiosas, cujo momento de realização mais comum são as festas, servem para congregar os moradores de um bairro; as famílias dispersas no espaço geográfico se definem como grupos pelo fato de atenderem também a tais encontros periódicos. (QUEIROZ, 1973. p,73)

Na realidade, a religião fundamenta-se nesses bairros rurais como um elo entre as pessoas de uma comunidade, em que muitos seguem os padrões religiosos da família, de que faz parte a tradição cultural de ajudar em quermesses, eventos, ou mesmo em celebrações, o que promove a interatividade entre os membros, fortalecendo as relações sociais.

Os encontros religiosos têm papel fundamental para o desenvolvimento do bairro rural, pois, além de propiciar a reunião de moradores, são a oportunidade propícia para tratar de assuntos referentes à comunidade. A heterogeneidade de maneiras de organização social e econômica, ainda permite o desenvolvimento da solidariedade grupal que impulsiona a comunidade internamente.

Na realidade, percebe-se que em todos os campos, sejam eles religiosos, sociais, ou mesmo econômicos de um bairro rural, é imprescindível o estudo das relações sociais no espaço e no tempo, a fim de trazer uma configuração criada a partir de uma identidade territorial, como expressa Bombardi (2004);

O bairro rural se configura, assim, como a expressão da identidade territorial de um grupo de sítios que através do trabalho familiar transforma o meio natural, ou um território anterior, por meio de padrões culturais – estabelecendo uma rede de relações entre si que cria uma especificidade no território, que se caracteriza, por exemplo, através do tamanho semelhante dos sítios, de tipos de cultivo em comum, de técnicas de trabalho semelhantes, da semelhança na organização interna dos sítios etc. (BOMBARDI, 2004, p. 49-50).

Nesse sentido, entende-se que o bairro rural é considerado como lugar, pois reúne dentro de si, um conjunto de elementos com características homogêneas, seja pelos tipos de plantações desenvolvidas, pelas relações interpessoais estabelecidas entre os habitantes, pelo tamanho das terras, ou mesmo sua forma de organização, que podem acontecer em grupos ou comunidades rurais, inseridos no bairro rural.

Para Lefebvre (1986), uma comunidade rural é entendida como uma:

forma de agrupamento social, que organiza, segundo modalidades historicamente determinadas, um conjunto de famílias fixadas no solo. Estes grupos elementares possuem, por um lado, bens coletivos e indivisos, e por outro, bens privados, conforme relações variáveis, mas, sempre, historicamente determinadas. Encontram-se ligados por disciplinas coletivas e designam – tanto tempo quanto a comunidade guarda uma vida própria – mandatários responsáveis para dirigir a realização dessas tarefas de interesse geral.(LEFEBVRE, 1986, p.156)

Assim, temos que uma comunidade rural está inserida num bairro rural, onde se percebem elementos e características próprias, fortalecimento da comunhão, mão de obra predominantemente familiar e formas diferenciadas de organização social, geralmente pautadas por laços de parentesco, religião, cultura enraizada, tendo como tarefa sua continuidade, como acontece na comunidade alemã, no bairro rural de Ferraz.

## **História Social**

A análise de fontes históricas foi marcada por diferentes interpretações ao longo do tempo, em que primeiramente era realizada uma abordagem referente às relações sociais das diferentes comunidades e grupos, e de questões de comportamento dentro de classes sociais.

Passados anos, tem-se uma análise estruturalista, em que se destaca o papel da ação humana nesses grupos, as estratégias de análise da mobilidade e estrutura social, utilizando de meios quantitativos, somando-se a eles, atualmente, experiências de vida, identidade e associação. Esses fatores resumem o processo evolutivo da história social.

Sobre isso, Castro (1997) destaca que

A história social mantém, entretanto, seu nexos básico de constituição, enquanto forma de abordagem que prioriza a experiência humana e os processos de diferenciação e individuação dos comportamentos e identidades coletivos - na explicação histórica. (CASTRO, 1997).

Assim, a história social permite que o historiador crie critérios para a delimitação de um grupo, fazendo a análise do comportamento dos indivíduos e objetos por eles utilizados, seja para estudos de migrações, de relações familiares, ou mesmo a constituição de uma comunidade com suas crenças, costumes e lutas.

Vale evidenciar que esse tipo de história permite que se faça uma micro análise social de um determinado grupo, com relações de parentesco, tradições diferentes,



histórias de vida heterogêneas ou semelhantes, para uma amplitude macro, fazendo-se uma abordagem geral, considerando como ponto primordial a observação.

Nesse sentido, a partir da história social, segundo Castro (1997),

Propõem se, de fato, as vivências históricas individuais, passíveis de serem parcialmente reconstituídas, como um nível privilegiado de observação para rever e formular novos problemas à explicação histórica, considerando tanto as condicionantes estruturais do comportamento humano na história, como a margem de liberdade e de criatividade nele contidas: “uma investigação da extensão e da natureza da vontade livre dentro da estrutura geral da sociedade humana.” (CASTRO, 1997, p.88-89).

Dessa forma, dentro da história social, percebe-se uma forte ligação com a cultura, o que revela um fator condicionante e determinante nas ações humanas, e que permite criar sentido dentro de um contexto social, pois é nos grupos de indivíduos que observamos a sociabilidade e fazemos alusões aos comportamentos sociais.

No entanto, na construção do processo de história social, é preciso levar em consideração os pontos que fizeram essa história ter-se tornado, nos dias atuais, um objeto de análise muito importante de comportamentos e identidades individuais, permitindo conhecer o processo de formação social e cultural de uma comunidade, suas relações e vivências, constituindo uma expressividade significativa.

Sobre o surgimento da história social, seu marco inicial, é o ano de 1929, com a manifestação dos *Annales*, proposto por Bloch e Febvre, na França, onde se contrapondo à corrente positivista, marcada pela centralização de decisões e ideias nos Homens e no Estado, propunha um novo conceito de história mais abrangente e interdisciplinar, a partir de uma análise estrutural, levantando novos métodos e problemas, dentro da pesquisa histórica. (BURKE, 2012).

Burke (2012) relata sobre este movimento, que deu início a um novo conceito de história:

Na França, os anos de 1920 testemunharam um movimento rumo a um “novo tipo de História”, conduzido por dois professores da Universidade de Estrasburgo, Marc Bloch e Lucien Febvre. A revista fundada por eles, *Annales d’Histoire Économique et Sociale* (Anais da História Econômica e Social), fez críticas implacáveis a historiadores tradicionais. Febvre e Bloch, a exemplo de Lamprecht, Turner e Robinson, opunham-se ao predomínio da história política. Ambicionavam substituí-la por algo a que se referiam como uma “História mais ampla e mais humana”, que abrangeria todas as atividades humanas e estaria menos preocupada com a narrativa de

eventos do que com a análise das “estruturas”, termo que desde então se tornou o preferido dos historiadores franceses da chamada “Escola dos Annales”. (BURKE, 2012, p.34)

Os defensores da corrente de Annales acreditavam na ideia de uma história mais investigativa, integrando-a com outras ciências humanas, em termos de análise, construindo uma síntese, lembrando que todos os estágios de abordagem estão inseridos no social e interligados.

Assim, nos anos de 1930 e 1940, o termo história social aproximava-se da cultura, dando ênfase às identidades nacionais, dentro de um contexto conservador e de uma visão específica dos historiadores do período; porém, cresciam ao mesmo tempo, no campo político, os movimentos socialistas, principalmente no trabalho, com os operários, destacando a coletividade como ação-chave neste processo.

Essa ênfase da história social permaneceu até 1950, quando se abordavam mais os relatos das classes menos favorecidas, passando para uma análise da massa de trabalhadores e suas reivindicações, colocando a economia vinculada ao termo social e preponderante sobre os demais conceitos da época.

No entanto, apenas após 1950 foi que a história social começou a destaca-se como especialidade, como expressa este trecho de Castro (1997).

Foi nas décadas de 1950 e 1960, entretanto, que uma história social, enquanto especialidade, tendeu a se constituir no interior desta nova postura historiográfica, que começava a se tornar hegemônica. Foram décadas marcadas pelo apogeu dos estruturalismos (da antropologia estrutural a certas abordagens marxistas), pela euforia do uso da quantificação nas ciências sociais, pelos primeiros avanços da informática e pela explosão de tensões sociais que dificilmente a comunidade dos historiadores podia continuar a ignorar. (CASTRO, 1997, p. 79)

Nesse novo movimento da história social, a ideia central, era proporcionar um recorte do campo de análise, restringindo o sentido da história social, permitindo levantar o problema específico inerente às relações sociais em determinados grupos, comunidades e os comportamentos neles atribuídos, considerando a estrutura social.

Considerando a metodologia, tem-se entre as décadas de 1960 e 1970, uma história social caracterizada pela quantificação, para a compreensão de dados e fontes históricas, sejam essas voltadas aos aspectos demográficos, ou mesmo, à estratificação

profissional, alianças sociais, relações familiares, mobilizações sociais, entre outras, com enfoques teóricos heterogêneos.

A partir da década de 1970, o cenário histórico social, assiste à outra transformação, significativa e conturbada, marcada por tensões e indecisões, como mostra Chartier (2001).

Aos impulsos otimistas e conquistadores da “nova história” ocorreram, com efeito, um tempo de dúvidas e questionamentos. Esta inquietude amplamente compartilhada tem diversas razões bem conhecidas e comentadas: a perda de confiança nas certezas da quantificação; a renúncia às definições clássicas dos objetos históricos – em particular na tradição francesa, a partir de sua dimensão territorial-, ou a crítica de noções (“mentalidades”, “cultura popular”), categorias analíticas (classes, classificação sócio profissional) ou modelos de compreensão (marxista, estruturalista, neomaltusino, etc) que eram os da historiografia dos anos 60 e 70. (CHARTIER, 2001, p. 116)

Prost (2008), partindo desse mesmo entendimento, afirma que

Neste novo clima, tudo o que parecia ligado, com ou sem razão ao marxismo tornou-se obsoleto e alguns intelectuais avançaram tão longe na denúncia dos mais insignificantes traços desse sistema, quanto seus predecessores de 1945-1950 – e, às vezes, eles próprios haviam promovido exageradamente seu culto. O descrédito atingiu tal grau que levou a uma verdadeira execração dos conceitos que, eventualmente, tivessem estado associados ao marxismo. Ocorre que alguns historiadores - apesar de experientes, em princípio- cederam a essa corrente. Desse modo a história se privou de conceitos, tais como “classe” e “luta de classes”, que não são marxistas e haviam sido utilizados pelos historiadores de outrora, até mesmo conservadores, a exemplo de Guizot. (PROST, 2008, p. 201)

Diante desse cenário, ocorre uma crise estruturalista e o advento de uma nova história social, que parte de uma visão universal da sociedade para uma específica, na qual estruturas e classes são dotadas de propriedade temporal, e os objetos estudados de forma dispersa no lugar.

Nessa nova conjuntura, os conceitos, anseios e valores sociais são percebidos através de práticas e experiências humanas em relação ao universo. Afinal, as experiências podem ser muito úteis na identificação e análise de uma realidade histórico-social.

Um dos maiores defensores dessa categoria experimental foi Edward Thompson, que justificava que a experiência acontecia de forma inesperada em um acontecimento,

sendo possível analisar as manifestações emotivas de grupos ou indivíduo, graças às ações dos sujeitos, como expressa na fala:

...não como sujeitos autônomos, 'indivíduos livres', mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida 'tratam' essa experiência em sua consciência e sua cultura (...) e em seguida (...) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada. (Thompson, 1981, p. 182)

Thompson (1981) instituiu uma ligação da experiência com a cultura, pois acreditava que, dentro de uma análise social, essa é considerada um elemento não passivo, dado o grau da sua importância no reconhecimento das vivências humanas, individuais e coletivas, que podem ser sentidas ou percebidas, como aponta neste trecho:

As pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos (...) Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esse sentimento na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. (THOMPSON, 1981, p. 189)

Para Thompson (1981), a experiência e a cultura foram colocadas no centro dos estudos analíticos sobre as ações sociais, analisando a cultura de acordo com a experiência humana e a própria natureza, levando em consideração que as ações sociais têm a possibilidade de interpretação cultural.

A partir desse cenário, foram alicerçados subsídios para que outros historiadores, dentro do mesmo período, defendessem a ideia de que o cultural estaria predominando em relação aos princípios sociais e econômicos anteriores, como expressa Pesavento (2003):

os historiadores franceses dos Annales e historiadores ingleses neomarxistas trabalhavam, do final dos anos de 1960 aos anos de 1980, com uma história social que avançava para os domínios do cultural. (PESAVENTO, 2003, p. 32)

Dessa forma, na década de 80, houve o surgimento de uma nova corrente historiográfica paralela à história social, que é a história cultural, pela qual se deixa de lado a cultura como reflexo das estruturas sociais e manifestação dominante do conhecimento, para ser interpretada como uma ferramenta descritiva das relações

sociais, crenças, costumes, valores e expressões de determinado grupo, comunidade ou bairro na sociedade, trazendo grandes modificações na estrutura metodológica.

Assim, após a década de 1980, a história social – juntamente com a história cultural – viria inserir-se em uma nova abordagem de redução de escala, conhecida como micro história, onde é possível fazer levantamentos e estudos, a partir da vivência individual, tendo como ponto fundamental a observação.

Partindo desse direcionamento, temos que a história social representa um começo para uma movimentação ampla em direção à generalização, não havendo mais divisão entre elementos quantitativos e qualitativos, simplificando variáveis e permitindo que se conheça a amplitude das representações e dos significados culturais dentro da dinâmica histórica.

Essa articulação é proposta dentro do eixo micro histórico tendo, de acordo com Castro, (1997) a tarefa de:

[...] conciliar os dois eixos da história social que tenderam a se apartar desde os anos 60, estrutura e experiência, formulando de maneira clara a questão da liberdade e inteligibilidade da ação humana na história.  
(CASTRO, 1997, p. 89)

Como exposto, revela-se, então, que a História Social se constitui dentro de uma abordagem cujos aspectos fundamentais são: experiência, diferenças processuais, comportamentos individuais e identidade coletiva marcada pela existência, e as experiências sociais diferenciadas dentro de um grupo específico, na história.

Sendo assim, a história oral expressa um elo importante para a construção da história social, a partir do momento que possibilita, por meio de ferramentas auditivas, transcrever experiências, ou relatos de vida, acontecimentos que marcaram a trajetória de um grupo ou mesmo de uma pessoa, ao longo do tempo, trazendo informações relevantes, que identificam sua identidade e existência, de acordo com o seu modo de observação e lembranças de vida.

Nessa perspectiva, busca-se recuperar a história social da comunidade alemã do bairro rural de Ferraz, em Rio Claro-SP, utilizando elementos da história oral, nas quais, a partir de entrevistas com descendentes mais antigos dos imigrantes alemães dessa comunidade, assim como representações expostas a partir de registros fotográficos e documentos antigos guardados com as famílias, foi possível conhecer as origens, os costumes, as tradições e a cultura enraizada, revelando a ação humana na construção do

lugar, dentro de um contexto social. As experiências vividas pelos povos alemães que se estabeleceram em Ferraz possibilitam uma identificação das famílias, frente aos fatores sociais, econômicos e culturais, conhecendo o papel de sujeitos dos membros dessa comunidade alemã. Portanto, a história social possibilita sua reprodução, a partir das experiências, expressando práticas, sentimentos, pensamentos, podendo transformá-los ou mesmo modificá-los, atribuindo-lhes significância expressiva.

## **2. CARACTERIZAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DE FERRAZ**

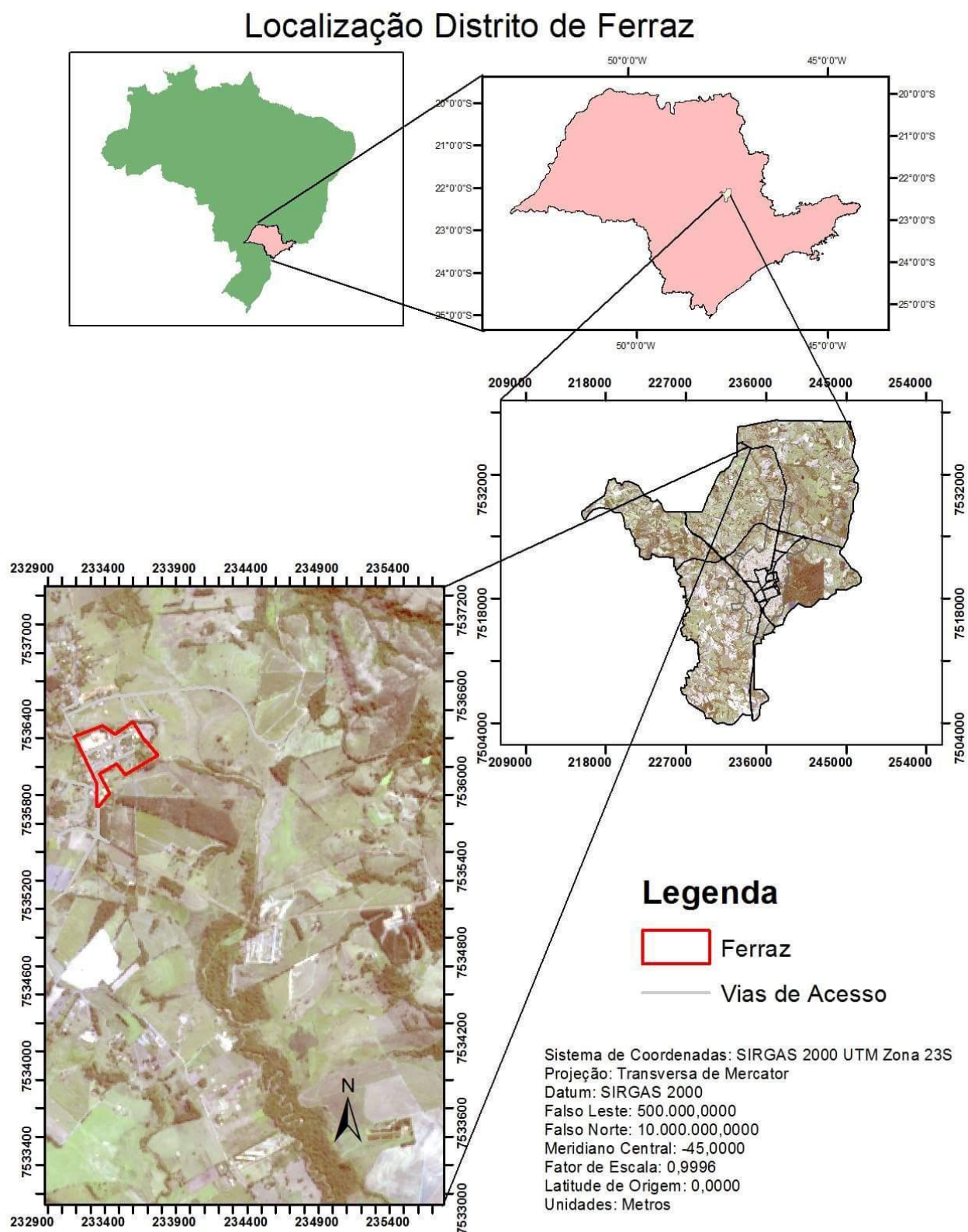
### **2.1. Caracterização da Área**

Ferraz localiza-se do lado norte da malha urbana do município de Rio Claro-SP, e as principais rotas para Ferraz são a estrada vicinal que liga as cidades de Rio Claro a Corumbataí, passando pelo Distrito de Ajapi. Ferraz dista aproximadamente 20 km do município de Rio Claro-SP e a 9 km do município Corumbataí.

Considerada por muitos anos um povoado, apenas em 25 de setembro de 2013, Ferraz, foi definida e designada, a partir de um novo mapeamento urbano da Prefeitura Municipal de Rio Claro e pela Lei complementar número 82, em seu artigo 10, como Área Urbana Isolada, do município de Rio Claro-SP. (FIGURA 1).

Artigo 10 – No prazo de 12 meses a partir da aprovação desta Lei, o Perímetro Urbano, conforme Artigo 5º, definido no anexo 1 do Plano Diretor de Desenvolvimento de Rio Claro –Mapa Perímetro Urbano – deverá ser descrito linearmente e georreferenciado em toda sua extensão, incluindo os Distritos de Ajapi e Assistência e as Áreas Urbanas Isoladas de Ferraz, Batovi, Cachoeirinha, Fazendinha, Itapé, Chácara Bom Recreio, e as Zonas Industriais Isoladas (PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO CLARO-SP, 2013).

**Figura 1-** Mapa de localização da área geográfica de Ferraz.



Fonte: Elaborado por: Edvaldo Guedes Junior (2017).



No que concerne às condições de geografia, do ponto de vista físico a área que compreende Ferraz apresenta as seguintes características de clima, temperatura, pluviometria, relevo, hidrografia e uso e ocupação do solo, expostas a seguir:

Sobre o clima, pelo fato de Ferraz, estar situado no município de Rio Claro-SP, nos limites do Estado de São Paulo, segue o mesmo clima, apresentando, segundo a classificação de Köppen, o tipo Cwa Subtropical, que corresponde às características de seco no inverno e chuvoso no verão. (LAUTENSCHLAGER 1992).

A respeito da temperatura, considerando a latitude e altitude, verifica-se que as temperaturas médias anuais variam entre 18,1° C, na região do Morro Grande e 20,9° C, na região da confluência do Ribeirão Passa Cinco com o Rio Corumbataí e áreas nas adjacências de São Pedro. (ATLAS AMBIENTAL – CEAPLA/IGCE/UNESP RIO CLARO, 2012).

Sobre os índices pluviométricos, Tavares e Silva (2008) apontam uma pluviosidade de 1.476,1 mm anuais.

Em relação ao relevo, Ferraz, está inserido na sub-bacia do Rio Corumbataí, fazendo parte da zona do Médio Tietê, e inserido na unidade morfológica da Depressão Periférica Paulista, tendo como características o comportamento interplanáltico, suavemente ondulado, com altitude oscilando entre 550m e 650m ao nível das várzeas estreitas e descontínuas de 600m a 650m, correspondentes a interflúvios tabuliformes. (ATLAS AMBIENTAL – CEAPLA/IGCE/UNESP RIO CLARO, 2012).

O relevo suave e plano de Ferraz favorece a distribuição de pastagens e reflorestamentos, bem como facilita a expansão da ocupação humana e o desenvolvimento da pecuária e, também, de algumas atividades agrícolas, principalmente culturas permanentes, como laranja, milho e cana-de-açúcar. Nesse sentido, podemos dizer que os povos que habitaram, e ainda habitam as terras em Ferraz, encontraram um relevo apropriado para fixar residência e desenvolver suas atividades agrícolas.

Da hidrografia, em Ferraz, há destaque para o rio Corumbataí, que percorre toda a área, sendo responsável pelo abastecimento de água, contribuindo com a lavoura e pecuária e, também, como fonte de consumo industrial, comercial e residencial. (LAUTENSCHLAGER 1992). Nesse trecho de Ferraz, inicia-se o médio curso do Rio Corumbataí, com uma extensão de 40 km até chegar à Usina Hidrelétrica da CESP, com uma declividade de 0,25, segundo informações do Atlas Ambiental do CEAPLA, ano 2012.

Sobre a pluviosidade, relevo e hidrografia, Macedo et al. (2014) destacam que esses são componentes geográficos que podem facilitar ou dificultar a ocupação do território, sendo que áreas planas e com disponibilidade hídrica são mais propícias para a agricultura; áreas mais declivosas são menos valorizadas e, conseqüentemente, menos exploradas.

Já sobre os aspectos demográficos de Ferraz, de acordo com o Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no ano 2010, contava com 354 habitantes, distribuídos em quantidade de homens e mulheres, faixa etária inferior ou superior a cinquenta anos, e número de domicílios, particulares ou públicos, ocupados ou não ocupados, de uso ocasional e vagos. (TABELA 1).

**Tabela 1-** Dados sobre população, faixa etária e domicílios de Ferraz.

POPULAÇÃO		FAIXA ETÁRIA		DOMICÍLIOS	
Homens	191	>50 anos	110	Particulares Ocupados	114
Mulheres	163	< 50 anos	244	Particulares Não Ocupados	36
				Vagos	17
<b>TOTAL</b>	354	<b>TOTAL</b>	354	<b>TOTAL</b>	167

Fonte: IBGE (2010). Organizado pelo autor.

Segundo dados do setor de Cadastro, da Secretaria Municipal de Planejamento, Desenvolvimento e Meio Ambiente do município de Rio Claro- SP, Ferraz, apresenta 3 ruas e 2 avenidas, sendo a avenida principal asfaltada e parte da estrada do Matão<sup>2</sup> também, e o restante coberto apenas com cascalhos e terra, sem asfalto. (SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE – SEPLADEMA).

Atualmente, Ferraz é vinculado ao município de Rio Claro. Apresenta, entretanto, uma Subprefeitura Municipal, com figura de um Subprefeito eleito pelo povo, para ser o representante direto da comunidade, junto aos departamentos públicos e gabinete do Prefeito, em busca de melhorias para a localidade.

Por fim, no que concerne a aspectos religiosos, Ferraz atualmente apresenta quatro religiões bem distribuídas, sendo as mais recentes as religiões pentecostais: Assembleia de Deus e Igreja do Evangelho Quadrangular, e as mais antigas e

<sup>2</sup> Esta estrada segue em direção ao município de Corumbataí- SP.

tradicionais: Católica e Luterana, sendo esta última de total relevância, visto estar associada ao nascimento da cultura alemã em Ferraz.

## **2.2. Histórico: do advento da ferrovia ao início do vilarejo e povoado de Ferraz**

No primeiro decênio do século XIX, tinha-se um vasto sertão conhecido como Morro Azul, que compreendia as terras que hoje são os municípios de Limeira - SP, Rio Claro - SP e Araraquara - SP. As terras do Morro Azul foram divididas pelo sistema de sesmarias (pequenos lotes de terras) que foram distribuídas e cedidas a pessoas e famílias que exerciam influência política e econômica, e que apresentavam condições de cultivar aquelas terras.

Segundo Lautenschlager (1992), o primeiro processo de povoamento na região do Morro Azul deu-se sob o comando do Senador Nicolau Vergueiro que, por volta de 1821, trouxe famílias imigrantes de outros países para a região, como mão de obra para trabalhar em fazendas sob o sistema de colonato. Nesse período, cresceu número de doações de sesmarias e o capitão Francisco Costa Alves, comandante das Ordenanças em Jundiá, adquiriu grande extensão de terra na região dos sertões do Morro Azul, que foi denominada de Sesmaria do Rio Corumbataí.

Segundo Penteado (1980), a sesmaria concedida a Francisco Costa Alves tinha início nas nascentes do Córrego Servidão, no atual município de Rio Claro e estendia-se na direção Norte, acompanhando o Rio Corumbataí, englobando as áreas da Serra de Morro Grande, Boa Vista e Monte Alegre e áreas que hoje compreende o bairro do Sobrado no município de Rio Claro e de Ferraz.

Em meados na década de 1840, a sesmaria do capitão Francisco Costa Alves foi sendo desmembrada entre seus herdeiros. Uma parte foi vendida ao senhor José Porfírio Bueno Brandão, patrocinado por São João Batista, e a outra ao senhor João Batista Ferraz. Nesse período, por sua vez, o país assistia a uma crise no setor açucareiro, assim era necessário encontrar outro produto que oferecesse lucro aos fazendeiros paulistas. Iniciava-se, então, a introdução da lavoura de café nas grandes propriedades, devido aos altos lucros desse produto no mercado internacional. (LAUTENSCHLAGER 1992).

Segundo Dean (1977), após a década de 1840, deu-se início ao plantio em larga escala do café no Oeste Paulista, rotas dos municípios de Campinas - SP a Rio Claro - SP. Essa ascensão do café expandiu as fronteiras e permitiu e consolidou o povoamento de muitas regiões.

A produção cafeeira exigia mão de obra abundante, e como a extinção do tráfico negreiro em 1850, os fazendeiros abrigaram em suas terras mão de obra de imigrantes europeus, estabelecendo-se um sistema de parceria nas fazendas de café. (DEAN, 1977).

Conforme aponta Diniz (1973), apesar da Abolição da Escravatura em 1888 e, portanto, da introdução do trabalho com mão de obra livre, na maior parte das propriedades rurais, não se abandonou totalmente o trabalho análogo às condições que ocorriam no período da escravidão, ou seja, ele continuou em parte nas colônias de parceria de café.

O primeiro fazendeiro a introduzir o trabalho livre europeu no Brasil, foi o Senador Nicolau Vergueiro, por meio da importação de trabalhadores europeus por intermédio do empreendimento Vergueiro & CIA, o qual obteve êxito pela falta de mão de obra escrava. (LAUTENSCHLAGER 1992).

Para Diniz (1973), o sistema de campesinato livre que ocorria naquela época, dava início à transformação dos moldes da agricultura brasileira, pelo fato de ser considerado mais produtivo que o sistema das grandes lavouras.

Além da vinda dos imigrantes europeus para trabalhar nas fazendas de café da região, como mão de obra barata, outra preocupação dos fazendeiros na época, era sobre o transporte e escoamento do café produzido nas propriedades rurais. O aluguel de tropas de mulas para transportar o produto até o porto de Santos-SP era elevado, ocorrendo uma diminuição de lucros. Assim, os fazendeiros do interior do Estado de São Paulo pressionaram autoridades da época, para a construção de uma linha férrea que interligasse essa região do interior do Estado de São Paulo, ao porto de Santos - SP.

No ano de 1852, iniciava-se, então, a segunda fase da história ferroviária do Brasil, que incentivou a ampliação de linhas férreas pelo país, inclusive para o interior de São Paulo (LAUTENSCHLAGER 1992).

Assim, em 1876, tem-se a extensão da linha férrea dos municípios de Campinas a Rio Claro. Muitos fazendeiros da região de Rio Claro, donos de sesmarias, sentiram o trem como uma oportunidade e vantagem, ao escoamento da produção cafeeira, pois haveria maior rapidez, menores custos de transporte. Nesse sentido, fazendeiros propuseram a construção de estações em suas propriedades rurais e a extensão dos trilhos do trem para além da região de Rio Claro. Foi então que, em 12 de agosto de 1882, pelo Decreto nº 8638, foi concedida a aprovação para ampliação dos trilhos pelo Governo do Estado de São Paulo. (LAUTENSCHLAGER 1992).

A partir disso, a empresa Companhia Rio Claro de Estradas de Ferro estendeu os trilhos pelo vale do Rio Corumbataí, em direção a São Carlos do Pinhal que, hoje, é o município de São Carlos-SP. (LAUTENSCHLAGER 1992).

Nesse trajeto, pequenas estações ferroviárias foram sendo construídas. Uma delas denominada “Corumbataí”, nas proximidades da sede da Fazenda São José, e outra denominada “Ferraz”, na fazenda do senhor João Batista Ferraz.

Esse foi, portanto, o nascimento do vilarejo de Ferraz, a partir da estação ferroviária “Ferraz”, no ano de 1883, levando famílias e pequenos comerciantes a começarem a instalar-se nas proximidades da estação, iniciando, assim, a formação de Ferraz. (FIGURA 2).

**Figura 2-** Antiga estação ferroviária “Ferraz”, que deu início à formação de Ferraz



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2016).

As famílias que se instalaram próximo à estação ferroviária “Ferraz”, vinham da região ou de propriedades rurais vizinhas, sendo, em sua maior parte, imigrantes europeus em busca de melhores condições de vida entendendo-se por isso trabalho, agricultura e, locomoção.

Segundo Lautenschlager (1992), a construção da estação ferroviária, na propriedade rural do senhor João Batista Ferraz, além de ser o marco inicial para instalação das famílias no lugar, possibilitou o estreitamento de laços sociais e o desenvolvimento econômico desta localidade.

A criação de núcleos coloniais para instalação de imigrantes, no mandato do segundo Governador do Estado de São Paulo, Jorge Tibiriçá, entre 1904 e 1908, fez

com que muitas famílias de imigrantes europeus partissem em direção à Fazenda São José em Corumbataí - SP. Entretanto, algumas dessas famílias, ao não se adaptarem àquele local, foram migrando para propriedades vizinhas, principalmente rumo à Fazenda do senhor João Batista Ferraz, em Ferraz e ali estabelecendo raízes.

Segundo Lautenschlager (1992), Ferraz e Corumbataí, no Recenseamento de 1920, faziam parte da 6ª Zona, incluindo fazenda e bairros menores, e não apenas a área urbana de cada localidade. Nessa zona, moravam 1.391 imigrantes, das seguintes nacionalidades: italianos, espanhóis, austríacos, portugueses, russos, alemães, poloneses, sírios, argentinos, franceses, suíços e africanos. (TABELA 2).

**Tabela 2-** Dados referentes à 6ª Zona de Imigração, em 1920, em Ferraz e Corumbataí.

6ª ZONA DE IMIGRAÇÃO- 1920 –  
( FERRAZ E CORUMBATAÍ)

NACIONALIDADE	QUANTIDADE
Italianos	532
Espanhóis	329
Austríacos	179
Portugueses	113
Russos	97
Alemães	60
Poloneses	44
Sírios	25
Argentinos	6
Franceses	4
Suíços	3
Africanos	1
<b>TOTAL</b>	<b>1391</b>

Fonte: Boletim Resumo IBGE – Recenseamento Ano: 1920,  
In: Lautenschlager 1992, op. cit, p.43.

Entretanto, com o passar dos anos, foram os imigrantes de descendência alemã e italiana os que mais prevaleceram no lugar, o que refletiu no estilo de vida e na religião da pequena Ferraz.

O vilarejo de Ferraz fazia parte do Distrito de Paz de Corumbataí, pela Lei nº 1669 de 27 de novembro de 1919, permanecendo nessa posição até 24 de dezembro de 1948, quando foi incluído ao município de Rio Claro.

Na época, de acordo com Lautenschlager (1992), em 1925, Ferraz oferecia os serviços de açougue, armazéns, sapataria, loja de tecidos e armarinhos, mercearia (secos e molhados), máquina de beneficiamento de arroz e farinha de milho, padaria, barbearia e fábrica de farinha de mandioca, a conhecida Fecularia Ideal.

Assim, as principais atividades econômicas de Ferraz, entre as décadas de 1920 a 1950, eram basicamente: extração de areia; corte de eucaliptos; lavoura de arroz, alho, milho e feijão destinados a Rio Claro, pela estação ferroviária, e hortaliças e frutas para a subsistência.

Em relação à educação, Ferraz teve sua Primeira Escola Mista Rural no ano de 1945, assim denominada por atender crianças do sexo masculino e feminino e de diferentes faixas etárias e descendências (alemã, italiana e outras), com ensino da 1ª à 4ª série. Era comandada pelo Governo do Estado de São Paulo, e os professores que lecionavam essas classes eram do município de Rio Claro. (FIGURA 3).

**Figura 3-** Primeira Escola Mista Rural de Ferraz – Ano:1945.



Fonte: Arquivo Público e Histórico de Rio Claro (2015).

Consoante dados apresentados por Lautenschlager (1992), a partir de 1985 iniciaram-se transformações gradativas, tanto no cenário educacional como no econômico, político, social e recreativo de Ferraz.

A Escola Mista Rural tornou-se Grupo Escolar de Ferraz; em 1985, depois Escola Estadual de Primeiro Grau Rural de Ferraz, com três salas de aula, sendo duas salas de primeiro grau de responsabilidade do Governo do Estado de São Paulo, e uma de pré-escola de responsabilidade da Prefeitura Municipal de Rio Claro. Os alunos

interessados em prosseguir nos estudos além dessas séries, deveriam dirigir-se a Rio Claro ou a Corumbataí. Atualmente, a escola está sob a responsabilidade do Governo Municipal de Rio Claro, com a denominação de Escola Municipal Benedito José Zaine, permanecendo o atendimento até a 4ª série.

A economia em Ferraz, a partir de 1985, foi comanda pelas atividades de extração de areia, olaria de tijolos, cerâmicas para fabricação de telhas, granja com aves para corte e poedeira e armazéns, porém os únicos que permanecem até hoje são os armazéns e uma granja.

As atividades de lazer em Ferraz, a partir de 1985, resumiam-se em quermesses realizadas pelas igrejas; banhos de rios; pescarias; campeonatos de futebol e bailes no Centro Comunitário. As atividades de lazer ainda existentes são apenas as quermesses e as festas realizadas pela Igreja e pelo Centro Comunitário.

**Figura 4-** Jovens e Crianças de Ferraz em banho no Rio Corumbataí, atividade de lazer, em 1985.



Fonte: Arquivo Público e Histórico de Rio Claro (2013).

Desde a década de 1980, vêm ocorrendo muitas modificações em Ferraz, mas há laços de pertencimento que ainda permanecem. As duas principais influências colonizadoras em Ferraz são de imigrantes alemães e italianos; entretanto, os descendentes de italianos, praticantes, sobretudo da religião Católica, não preservam tanto suas tradições, se comparados com os descendentes alemães, praticantes,



sobretudo, da religião Protestante que, em muito, preservam a história, a memória e costumes dos seus antepassados germânicos.

### **2.3. Histórico: formação da comunidade alemã em Ferraz**

A vinda de imigrantes alemães para o Estado de São Paulo deu-se com maior intensidade a partir da década de 1840, devido à ascensão do café, que propiciou uma nova fase de interação entre o Brasil e os Estados Alemães. O primeiro processo migratório dos alemães estendeu-se de 1846 a 1870.

Nesse mesmo período, a Europa encontrava-se em situação econômica ruim, o que culminou na sequência de crises agrícolas, ocasionadas pelo inverno rigoroso que atingiu as propriedades rurais nos Estados Alemães. Consequentemente, houve perda de lavouras e aumento nos preços dos produtos, motivando a concorrência industrial, que acarretou alto índice de desemprego e deixou a população em estado de miséria. A alternativa, então, era emigrar para outros países mais atrativos em busca de novas condições de vida, países como o Brasil, por exemplo, onde a cultura cafeeira necessitava de mão de obra europeia e estava em pleno crescimento.

Segundo Witzel–Souza (2014), o sistema de trabalho, através do contrato de Parceria – em que o imigrante vinha ao interior paulista trabalhava na colheita de café ao longo do ano e recebia adiantamentos do fazendeiro para comprar mantimentos e ferramentas, serviu como incentivo favorável à imigração. Acredita-se que a maior quantidade de imigrantes alemães direcionou-se para as fazendas de café no Estado de São Paulo, a partir de 1846, principalmente nos eixos Campinas – Limeira e Rio Claro, trabalhando sob o sistema de parceria.

A imigração alemã, embora tivesse trazido avanços para o interior paulista, também contribuiu para conflitos e retrocessos. Em 1856, o sistema de parceria com os fazendeiros foi gerando insatisfação por parte dos colonos, devido às condições de trabalho e à aplicação de contratos abusivos, eclodindo na Revolta dos Parceiros, liderada pelo mestre-escola Tomas Davatz. (WITZEL– SOUZA 2014).

No ano 1861, havia questionamentos de autoridades da Alemanha, quanto à precariedade na educação e na assistência religiosa, dada ao seu povo em terras brasileiras. Em 1869, o Pastor Johan Jacob Zink foi conduzido à comunidade alemã e luterana do Estado de São Paulo, em missão religiosa, tornando-se o primeiro pastor da

comunidade luterana de Rio Claro. Já em 1870, uma grande quantidade de alemães passou a deslocar-se para os centros urbanos, especialmente dos municípios de São Paulo, Santos, Campinas e Rio Claro. (WITZEL - SOUZA 2014).

Segundo Bassanezi (1992), o primeiro Censo Nacional do Brasil, em 1872, contabilizava 818 estrangeiros em Rio Claro (538 homens e 280 mulheres). Desse montante, metade era constituída de alemães (45%); em segundo lugar vinham os portugueses (31%) e, em seguida, os suíços (15%). Os italianos eram poucos (3%) e não havia imigrantes espanhóis. (TABELA 3).

**Tabela 3-** Número de imigrantes em Rio Claro- SP, ano de 1872.

<b>IMIGRANTES EM RIO CLARO –SP</b>	
<b>1872</b>	
Alemães	370
Portugueses	256
Suíços	121
Italianos	25
Africanos	18
Franceses	13
Belgas	8
Holandeses	6
Norte-Americanos	1
<b>TOTAL</b>	<b>818</b>

Fonte: Recenseamento geral da população brasileira – 1872,  
In: Bassanezi, 1992, op cit, p.41.

Os alemães representavam a metade da população estrangeira instalada na zona urbana do município de Rio Claro. Esse fato possibilitou a transmissão de ideais, sentimentos, tradições e estilo de vida, influenciando diversos setores da sociedade.

Em 1873, de acordo com Gouvêa (2011), grande número de famílias alemãs deixou a zona rural para dedicar-se a atividades que já praticavam na Europa, como o trabalho em oficinas de consertos, em pequenas indústrias e exercendo, também, a função de “alugadores de carros”. Além das funções citadas, os alemães contribuíram para impulsionar espaços de sociabilidade, como em Igrejas, expressando os cultos praticados em suas terras de origem e em Escolas. Assim, além da sua influência os imigrantes alemães desenvolveram, em Rio Claro, um papel fundamental nas áreas rurais da localidade.

Os imigrantes alemães tiveram participação expressiva no advento da crise do café, época em que muitos conseguiram comprar pequenos pedaços de terra para desenvolver suas próprias culturas agrícolas ou, então, mudaram-se para outras propriedades rurais, o que deu origem à comunidade alemã em Ferraz

Dessa forma, a comunidade alemã de Ferraz, situada na zona rural do município de Rio Claro, área de estudo desta pesquisa, originou-se do desmembramento de fazendas e de núcleos coloniais em falência. Os imigrantes alemães que tinham economias reservadas aproveitaram a crise cafeeira para adquirir terras por preços mais baixos, passando a ser donos das propriedades.

Segundo Diniz (1973), o ano de 1871 tornou-se o marco histórico para os imigrantes alemães que começaram a comprar terras desintegradas dos fazendeiros, tornando-se proprietários rurais e adquirindo bens, quando a London Brazilian Bank, adquiriu a empresa Vergueiro e Cia e a Fazenda Angélica<sup>3</sup>, ambas em falência.

Ferraz recebeu imigrantes alemães de diferentes regiões do Estado de São Paulo. Eram trabalhadores vindos da Fazenda Ibicaba, de Limeira - SP, das Fazendas de Rio Claro ou, ainda, integrantes da comunidade de Kirshdorf, em Leme-SP. Cada família trouxe consigo a experiência de vida adquirida nas lavouras e os costumes do país de origem.

A meta principal dessas famílias de imigrantes alemães era fazer da terra sua morada e garantir o sustento de sua prole.

Sobre isso Alves (2004, p. 209), aponta que

A terra é considerada a base material da existência da família, seja pela fixação desta no lugar, seja pela possibilidade de sua reprodução social advinda da comercialização de algum produto e pelo autoconsumo, pela liberdade de não ter patrão, de não ser assalariado (ALVES, 2004, p. 209).

As primeiras terras de Ferraz foram compradas por imigrantes alemães que se situavam no antigo Núcleo Colonial Jorge Tibiriçá, em Corumbataí-SP. Em seguida, esses imigrantes passaram a comprar outras propriedades rurais, provenientes da divisão da antiga propriedade do senhor João Batista Ferraz, devido à proximidade com a estação ferroviária, facilitando o escoamento da sua produção agrícola.

---

<sup>3</sup>Esta Fazenda estava compreendida onde atualmente é a Mata Negra de Ajapi, Distrito de Rio Claro-SP.

Assim, o processo histórico de chegada dos imigrantes alemães nas propriedades rurais de Ferraz possibilitou que essas pessoas estabelecessem raízes, criando laços de pertencimento e expondo as características físicas que favoreceram a ocupação.

A fixação das famílias alemãs em Ferraz foi impulsionada pela questão de busca pela terra que propiciasse condições sustentáveis e onde pudessem iniciar novas culturas e garantir a subsistência, adotando-a como lugar de morada e atribuindo-lhe uma relação identidade-sociabilidade-grupo.

Giralda Seyferth (2011, p.54), relata que:

As práticas cotidianas, habitus, modo de vida, organização social e outros aspectos da realidade cultural tem importância na contextualização da etnicidade. Nesse sentido, atribuem-se características étnicas ao modo de comemorar festas religiosas, como Natal e Páscoa, que são comuns a todos os cristãos. (SEYFERTH, 2011, p.54)

Sobre o sentimento de pertença dos alemães em Ferraz, ele está atrelado aos aspectos voltados ao trabalho rural, às maneiras de convívio e relações de solidariedade existentes, às tarefas culturais e religiosas, à interatividade entre as famílias alemãs, à cooperação de vizinhos e à perspectiva de garantir que os filhos permaneçam na propriedade e na agricultura implantada por sua família, criando raízes.

Há, então, elementos do passado e da memória das famílias, que evidenciam o sentimento de pertença com o lugar.

As casas eram construídas com tijolos de barros, fabricados em olaria de propriedade de uma família alemã existente no local. O chão das casas<sup>4</sup> era de terra batida.

As brincadeiras nos sítios com os amigos, o campo de futebol, onde se reuniam crianças, jovens e adultos que vinham de outras localidades, apresentam um valor afetivo e social. O lazer em Ferraz, nas décadas de 1920 e 1930 resumia-se atividades de Campeonatos de Futebol, promovidos pelo Germânia Futebol Clube, cujos jogadores eram todos de famílias alemãs de Ferraz; e de Bailes que aconteciam no salão da casa do senhor Tibério Meffe, além de Corridas de cavalo, onde se reunia uma quantidade significativa de pessoas. Vale também apontar a SDD – Sociedade Dramático-Dançante

---

<sup>4</sup> Algumas casas ainda preservam essas características, revelando o enraizamento e a identificação com o Lugar; outras, entretanto, foram modificadas ou demolidas.

Ferrazense, a partir da década de 1950, criada por um grupo de jovens, que promovia bailes e espetáculos teatrais aos moradores de Ferraz e toda a região.

No antigo Time de Futebol de descendentes alemães de Ferraz, denominado “Germânia Futebol Clube”, os jogadores usavam camisas de mangas longas e de colarinho e calções longos e não se utilizavam de sapatos apropriados, como chuteiras. (FIGURA 5).

Figura 5- Primeiro time de futebol de Ferraz, denominado Germânia Futebol Clube, composto por jogadores de famílias alemãs.



Fonte: Arquivo pessoal de Marli Lautenschlager.

Havia, também, o Grupo de Teatro denominado SDD Ferrazense e a Banda Musical, os quais se apresentavam no salão da comunidade e reuniam muitas pessoas, sendo que muitos descendentes de alemães participavam das encenações teatrais e tocavam instrumentos no palco do salão, identificando com isso mais um espaço sociocultural. (FIGURA 6).

**Figura 6-** Grupo Teatral da SDD Ferrazense, em 1957, composto, sobretudo, por descendentes de alemães.



Fonte: Arquivo de Norberto Wilmar Lautenschlager.

### 2.3.1 As propriedades rurais alemãs e o uso das terras

As propriedades rurais alemãs do passado e atuais, em Ferraz, têm as seguintes localizações: a) estrada do Matão, que liga a área rural de Ferraz com o município de Corumbataí; b) estrada que liga Ferraz com o município de Rio Claro; c) no interior de Ferraz.

Os alemães conseguiram, em suas terras, desenvolver culturas para subsistência, bem como encontraram nelas, características físicas propícias para o desenvolvimento de lavouras e outras atividades econômicas.

As propriedades rurais eram, normalmente, pequenas, embora houvesse algumas com extensão maior, nas quais residiam famílias, mantendo as tradições e os costumes, e onde todos do lar trabalhavam diariamente nas tarefas do campo. Seguindo o princípio da hereditariedade, eram passadas de pais para filhos, ocorrendo subdivisões entre os irmãos. Em muitas das vezes alguns compravam a parte de outros e acabavam mudando-se para a cidade, enquanto os outros permaneciam nas terras. Era recorrente que as famílias incentivassem os filhos a permanecerem na terra, ajudando e suprimdo a mão de obra nas lavouras, em um sistema de cooperação e parceria.

A estrutura fundiária – sobretudo pequenas e médias propriedades rurais – e a caracterização de mão de obra familiar nas propriedades alemãs de Ferraz, evidenciam apego e enraizamento das famílias no campo. Sobre isso Fernandes (1971, p.53), aponta que “o predomínio da pequena e média propriedade rural, diretamente explorada pelo proprietário constitui, sem dúvida a base da fixação do homem a terra.”.

Sobre as formas de uso das terras das propriedades alemãs, essas variavam entre as famílias. Algumas cultivavam alimentos para subsistência, mas também para comercialização, outras desenvolviam atividades como a pecuária, ou possuíam estabelecimentos de fabricação de tijolos, as olarias.

Os principais produtos agrícolas cultivados nas propriedades alemãs eram: milho, feijão, arroz, alho e batata, produtos que eram fornecidos a armazéns e comércio da cidade de Rio Claro, e também em escolas, como o Colégio Koelle, de origem alemã, visando auxiliar na alimentação dos alunos. Cultivavam, também, para consumo próprio, árvores frutíferas como mangueira, bananeiras, limoeiros, laranjeiras, abacateiros e mamoeiros, formando grandes pomares no fundo dos quintais, bem como mantinham o plantio de hortaliças.

Segundo Fernandes (1971), as famílias alemãs de Ferraz, desenvolviam em suas propriedades, um regime de policultura, auxiliando na renda e sustento familiar, e caracterizado pela variedade e economia.

[...] de fato, a policultura, com uma produção mais variada, representa uma busca de maior equilíbrio para a pequena propriedade familiar. (FERNANDES, 1971, p. 57)

Sobre as criações de animais, havia nas propriedades rurais alemãs de Ferraz, criação de gado (corte e leiteiro), suínos e aves (galinhas poedeiras). Com a criação das galinhas poedeiras foi possível a construção de granjas em duas propriedades rurais alemãs, com mão de obra familiar, principalmente nas tarefas de recolhimento dos ovos e alimentação das aves. (FIGURA 7).

**Figura 7-** Viveiro instalado na propriedade rural da Família Mackey em Ferraz.



Fonte: Arquivo Público e Histórico de Rio Claro (2013).

Outra atividade econômica que surgiu em algumas propriedades rurais de famílias alemãs em Ferraz foi a formação estabelecimentos de fabricação de tijolos – as olarias. Isso se deveu à existência de solo do tipo argiloso na localidade e de esse ser

propício a essa atividade. Os tijolos eram transportados e vendidos a municípios como Rio Claro- SP e São Carlos-SP.

Assim, o desenvolvimento – sobretudo o desenvolvimento agrícola – nessas propriedades alemãs só foi possível, graças às condições hidrográficas do lugar, principalmente a proximidade com córregos e rios, que cortam as propriedades e terras dessas famílias e permitem a irrigação de seu plantio.

Outro ponto importante a ser considerado é o transporte que, apesar de precário na época, não impediu a logística de escoamento, pois os produtos fabricados nas propriedades rurais eram conduzidos em carroças ou charretes, com mulas e cavalos, e direcionados à estação do trem, para serem transportados e vendidos. Assim, apesar das dificuldades, os produtos chegavam ao seu destino. (FIGURA 8).

**Figura 8-** Travessia com carro de boi no rio que cortava as propriedades rurais, encaminhando os produtos agrícolas até o ponto de destino em 03 de Fevereiro de 1929.



Fonte: Arquivo Público e Histórico de Rio Claro (2013).

Sobre os instrumentos de trabalho utilizados nas propriedades rurais alemãs e que auxiliavam o trabalho na terra, os principais eram: a) arados; b) riscadores; c) carpideiras; d) sementeira; e) gradil; e) bem como os objetos de uso contínuo como rastelo, foice, enxada.

Da força motriz nas propriedades rurais alemãs, destaca-se o papel dos animais



como mulas e burros, que auxiliavam na aração da terra, principalmente nos períodos de semeadura.

A etapa de plantio das lavouras era realizada manualmente, ou com auxílio de sementeira. A etapa da capinação e do preparo do solo era realizada em sua maioria pela mão de obra familiar que residia nas propriedades, sempre se utilizando de ferramentas e técnicas mais próximas da família, garantindo a efetivação dos plantios. Na época das colheitas nas propriedades alemãs, era muito comum o sistema de mutirão entre as famílias, quando se formavam grupos de pessoas que se revezavam entre as propriedades, ajudando nas safras dos alimentos. Este período de mão de obra era importante para que os produtos fossem colhidos em tempo certo, guardados e encaminhados para comercialização. Os principais produtos agrícolas colhidos eram o feijão, o milho, a batata e o arroz. O milho era guardado em tulhas, e destinava-se ao consumo familiar, para a preparação de polentas, broas, e para criação de porcos e galinhas. A batata era destinada, em parte, ao consumo familiar e também para comercialização. Para o arroz e o feijão, fazia-se a respectiva secagem em terreiros, depois do que eram ensacados e vendidos na cidade, ficando um tanto para consumo próprio. As colheitas aconteciam no período entre outubro e abril, devido ao grau de concentração de chuvas, o que favorecia o cultivo; em contrapartida, nos períodos de maio a agosto o solo permanecia em descanso, sendo considerada uma época seca, e menos propícia a plantações.

Voltando ao fator pecuário nas propriedades alemãs, temos que as famílias criavam os animais como vacas, mulas, burros em sistema extensivo, ou seja, soltos nos pastos, durante o dia, recolhidos nos finais de tarde. Eram alimentados por farelos ou cana-de-açúcar. As vacas eram ordenhadas no período da manhã, e o leite retirado, recolhido em latões, uma parte para consumo outra para comercialização nas cidades. A criação doméstica de porcos e galinhas acontecia próxima às casas, e dessa consumiam a carne e também os ovos.

Em relação às tarefas nas propriedades rurais alemãs, era estabelecida a seguinte divisão: os serviços no campo ficavam sob a responsabilidade dos homens, pais e filhos, e os serviços na casa como limpeza, cozinha, criação de animais domésticos ficavam sob a responsabilidade das mulheres mães e filhas. Entretanto, isso não impedia, eventualmente, de todos irem para o plantio e para a colheita, como acontecia em determinadas épocas.

Assim, a harmonia na divisão de tarefas nas famílias alemãs, o espírito de cooperação, associado à base estrutural da produção familiar, possibilitaram a fixação desses imigrantes em suas terras, fazendo delas sua fonte de sustento e renda, permitindo-lhes um equilíbrio econômico.

Em decorrência da modernização e industrialização do campo, com a inovação das técnicas agrícolas e expansão da urbanização chegando às áreas rurais, principalmente em Ferraz, muitas famílias alemãs redefiniram suas condições de vida e de trabalho, mas não abandonaram a tradição familiar na lavoura. Sobre estas mudanças evolutivas Alfio Brandenburg aponta o seguinte:

A integração ao mercado faz com que se reorientem os sistemas produtivos. As unidades de produção familiar que antes eram voltadas para subsistência agora também produzem para o mercado visando à aquisição de produtos industriais até mesmo para a alimentação. Os produtos processados na unidade familiar são substituídos por mercadorias industriais, o que faz também com que desapareçam os equipamentos relacionados à indústria doméstica. (BRANDEMBURG, 2012, p.422).

Dessa forma, apesar do crescimento industrial que avançava para as áreas rurais, e a dependência dessas em relação às cidades, trazendo uma nova configuração econômica no campo, as formas de sociabilidade entre as famílias, principalmente entre os alemães de Ferraz, permaneceu. Apenas os mutirões em épocas de colheita deixaram de existir, mas a colaboração em festas, comemorações da igreja, ou mesmo a cooperação entre vizinhos nas propriedades rurais, ficaram fortalecidas até os dias atuais.

Atualmente, os proprietários rurais descendentes de alemães, que vivem no bairro rural de Ferraz, apresentam diferentes cenários na localidade: a) lavoura para subsistência; b) criação de gado leiteiro, bovino para corte e granjas; c) desenvolvimento de outras atividades profissionais nas cidades; d) propriedades rurais apenas para ocupação de lazer nos finais de semana, pois residem em Rio Claro.

Apesar da diversificação ocorrida nas propriedades rurais alemãs, a base familiar e a tradição cultural vindas do passado sustentou-se, principalmente em relação ao vínculo com a terra, ou seja, a maior parte dos descendentes diretos das famílias alemãs, sejam filhos e netos, estão presentes na comunidade, alguns residindo nas propriedades rurais, plantando igual aos pais, outros ali se hospedando nos finais de semana, mas

sempre reunindo toda a família e parentes, seja em almoços ou confraternizações, o que revela o vínculo com o campo.

Sobre a estrutura fundiária de Ferraz<sup>5</sup>, segundo o relatório técnico de Caracterização do Potencial das Propriedades Rurais Familiares em Rio Claro, de 2012, de 1 a 50 hectares, há 347 propriedades rurais enquadradas como pertencentes ao município de Rio Claro. Nesses números aparecem as propriedades rurais, existentes em Ferraz e nas estradas de ligação desse bairro rural com o Município de Rio Claro e Corumbataí, e Distrito de Ajapi. Assim, tem-se a seguinte localização das propriedades rurais de Ferraz na TABELA 4.

**Tabela 4-** Localização e número de propriedades rurais de 1 a 50 hectares que abrange a área rural de Ferraz.

<b>LOCALIZAÇÃO</b>	<b>Nº DE PROPRIEDADES RURAIS</b>
Estrada Ajapi - Ferraz	7
Estrada Ferraz - Corumbataí	3
Estrada do Matão (Ferraz-Corumbataí)	9
Estrada Velha Rio Claro - Ferraz	2
Ferraz	8
<b>TOTAL</b>	<b>29</b>

Fonte: Relatório NEA- Núcleo de Estudos Agrários, UNESP-Rio Claro-SP, abril a dezembro 2011. Adaptado pelo autor.

Nesse sentido, nota-se um total de 29 propriedades rurais situadas em Ferraz, sendo 21 nas estradas que ligam Ferraz a outras localidades, não se sabendo, exatamente, a limitação de cada uma. Entretanto, não é possível determinar quais dessas propriedades rurais, são de descendentes alemães, pois os dados coletados são apenas para propriedades de 01 a 50 hectares, e as propriedades das famílias alemãs de Ferraz, apresentam estratos de áreas distintos como sítios, chácaras e terrenos pequenos.

<sup>5</sup> Foram solicitadas informações atualizadas junto à Agência do IBGE de Rio Claro/SP, no dia 4 de julho de 2017, quanto ao número de propriedades rurais que estariam ainda sob o comando de famílias alemãs em Ferraz, e os tipos de plantações que ainda desenvolvem. Portanto, não se obteve êxito, pois, de acordo com o órgão, a última pesquisa realizada em 2010, falava sobre Rio Claro de uma forma geral, não tendo detalhes estratificados, principalmente das propriedades rurais dessa área de Ferraz. Foi-nos adiantado que, a partir de outubro de 2017, será iniciado o Censo Agropecuário 2017 e, a partir deste poderá fazer-se um levantamento mais detalhado e minucioso de toda a área rural, inclusive a que engloba Ferraz.

No entanto, foi descoberto, em conversa com a Secretaria Municipal de Agricultura de Rio Claro/SP, um outro tipo de levantamento de dados efetuado para a elaboração de um relatório técnico de Caracterização do Potencial das Propriedades Rurais Familiares em Rio Claro-SP, em parceria com o Núcleo de Estudos Agrários, do Departamento de Geografia da UNESP – Campus de Rio Claro/SP, no ano de 2012, com o objetivo de reconhecer o potencial multifuncional das propriedades rurais familiares existentes em todo eixo rural do município, conhecendo os mecanismos de ação individual e coletiva nesses pontos.

Portanto, é possível apontar que, atualmente, os descendentes alemães, donos das propriedades rurais em Ferraz, guardam consigo as seguintes características: o elo com o campo e com atividades de pecuária, e criação de animais domésticos; a transformação de algumas propriedades em um lugar para o lazer e descanso; a prática da mesma religião de seus avós e pais, o que evidencia a importância dos valores herdados dos antepassados atualmente.

### **2.3.2 Grupo escolar e religioso nas propriedades rurais alemãs**

Os imigrantes alemães que se estabeleceram em Ferraz trouxeram consigo uma cultura de valorização muito forte referente à educação e à religião. Essas famílias eram todas adeptas do luteranismo e prezavam pelo fortalecimento e pela propagação da fé cristã junto às suas famílias, tendo, também, preocupação com a escolarização, principalmente com a alfabetização de seus filhos.

Segundo Lucio Kreutz (1994), a vinculação entre escola e igreja faz parte da tradição cultural alemã, tradição essa que os imigrantes transportaram junto à sua bagagem material. Sobre essa ligação escola e igreja o próprio autor diz:

até meados do século XVIII predominou, nos estados alemães, o motivo religioso na educação. Apenas nas regiões onde Igreja e Estado estivessem unidos, e onde a igreja desejava realizar algum plano de educação, é que o Estado tinha condições para desenvolver o sistema de escolas públicas. (KREUTZ, 1994, P. 15)

Em Ferraz, a religião e a educação dos alemães caminharam completamente juntas, herança do país de origem. De acordo com dados de documentos arquivados na Igreja Luterana de Rio Claro, constata-se que, como as estradas eram muito difíceis para se chegar às propriedades rurais onde viviam em Ferraz, o pastor Theodor Koelle, da Igreja Luterana de Rio Claro, por volta de 1909, começou a dirigir-se para aquelas áreas, a cavalo, promovendo encontros religiosos fraternos em língua alemã nas propriedades das famílias.

Porém, com o passar dos anos, a locomoção dessas famílias para participar dos encontros religiosos foi se tornando difícil demais, surgindo, então, a ideia de criar um local central, onde todos pudessem se reunir e fixar o ponto de comunhão. Foi assim que, em 1911, foi construída uma Casa de Madeira, no bairro de Matão, na Propriedade do Senhor João Jacob Lautenschlager, onde as famílias alemãs passaram a se reunir e

realizar seus cultos. A partir desse acontecimento é que podemos caracterizar o início da formação religiosa alemã em Ferraz.

Em concordância com os registros consultados junto à Igreja Luterana de Rio Claro, a formação dessa Casa de Madeira para cultos religiosos no bairro de Matão, em Ferraz, propiciou também, por volta de 1912, o empenho em constituir uma escola onde os filhos dos sitiantes alemães pudessem aprender a ler e a escrever. Foi criada a escola em 1912, iniciando suas atividades na mesma propriedade do Senhor João Jacob Lautenschlager, tendo como primeiro professor contratado o Senhor Paulo Scholtz, para o ensino da 1ª à 4ª série em língua alemã.

Vemos na figura abaixo, O Pastor Theodor Koelle ao centro, reunido com as famílias alemãs na Casa de Madeira, onde foram realizados os primeiros cultos, em propriedade rural de João Jacob Lautenschlager. (FIGURA 9).

**Figura 9-** Casa de madeira onde eram realizados os primeiros cultos e escola dos alemães em Ferraz (1911).



Fonte: Acervo do Museu Colégio Koelle.

A respeito desta escola alemã de Ferraz, Witzel-Souza (2014) traduz, abaixo, um excerto do ensaio publicado em alemão pelo professor Johann Keller, em 1919, sobre a situação das escolas alemãs no interior de São Paulo.

Ferraz-Corumbatahy:

Essa colônia alemã tem aproximadamente 15 anos de idade [em 1919] e constitui-se de dois ramos, que se distribuem pelas duas estações de Ferraz e Corumbatahy. Entre elas há uma colônia italiana, dividindo os alemães como em uma cunha. Por esse motivo e porque os alemães representam um número muito pequeno, os esforços para se fundar e manter uma escola alemã não tiveram sucesso permanente. No momento, há ainda 15 famílias que se relacionam aos nossos objetivos. A cada 3 meses ocorre uma celebração religiosa alemã, alternando-se entre Ferraz e Corumbatahy, atendida por muitos devotos de perto e de longe. Um tal senhor Scholz, anteriormente professor em Kirchdorf [em Leme] mantém uma escola dominical, na qual se encontram 35 crianças e jovens [meio-adultos]. São cerca de 20 as crianças em idade escolar. Os pais, que no momento dispõem de um fundo de 350\$000 réis, desejam fundar uma escola sob a direção do Senhor Scholz e esperam o auxílio de São Paulo. O Senhor Scholz domina o português e goza de boa reputação entre os senhores brasileiros. Não seria impossível que se o reconhecesse como professor do governo. No entanto, não é certeza que o alemão assumiria o seu papel de direito, posto que os filhos do Senhor Scholz já perderam a língua alemã. A escola oficial foi desmantelada em 1913. À época, os colonos Tchecos de língua alemã ainda estavam ao lado dos alemães. Durante a Guerra, porém, inverteram-se para uma situação de inimizade. A Germanidade [Deutschtum] será mantida viva pela emigração de Kirchdorf, mas eu tive a impressão de que a onda latina logo inundará essa ilha linguística, e ainda mais porque o portador principal dos pensamentos da escola mantém-se fixo ao plano de emigrar para uma localidade melhor (KELLER, 1919, p. 9-10).

Segundo Kreutz (2005 apud Witzel-Souza, 2014), alguns pontos chamam a atenção nesse relato. Primeiramente, observa-se a confirmação do padrão histórico delineado na cronologia: em particular, a intensa atividade comum exercida entre os imigrantes de Ferraz, Corumbataí e Leme – onde se localizava Kirchdorf, com uma igreja e escola própria para os germânicos. De fato, a migração entre essas localidades é observada por Keller (1919) como um elemento fundamental na manutenção da cultura alemã local. Além disso, observa-se como a prática religiosa influenciava o elemento educacional. A existência de escolas dominicais, associadas ao aspecto religioso, parece ter sido fundamental na educação das crianças, sobretudo nas comunidades imigrantes mais isoladas, que não podiam manter uma escola regular. (FIGURA 10).

**Figura 10-** Turma de Escola Dominical na Propriedade Rural de Ferraz.



Fonte: Arquivo Próprio Autor (2013).

Percebe-se, com o passar dos anos, que muitos imigrantes alemães e suíços foram se mudando das propriedades rurais, comprando outras propriedades em direção à vila de Ferraz, onde havia maior concentração do comércio, armazéns, e proximidade com a linha do trem para escoamento de produtos e fácil locomoção das pessoas. No entanto, com essa mudança, a religião e a educação destes imigrantes também foi tomando outra configuração.

### **2.3.3 A igreja Luterana e a escola no vilarejo de Ferraz**

Em 1924, o Senhor João Jacob Lautenschlager, proprietário do sítio onde se localizava a Casa de Madeira, na Estrada do Matão, e onde eram realizados os primeiros cultos e foi criada a primeira escola para os alemães, comprou uma propriedade em direção ao vilarejo, antigas terras do Fazendeiro João Batista Ferraz, e estabeleceu sua residência, levando toda sua família, e assim fizeram também outras famílias alemãs da época.

Diante dessas migrações internas, o Senhor João Jacob Lautenschlager decidiu reunir todas as famílias alemãs e lançou a ideia da construção de uma igreja próxima à vila, em terreno doado por ele mesmo. Necessitou da colaboração de todos, mas mesmo

os tijolos cedidos para construção foram de sua própria olaria. A Igreja foi inaugurada em 28 de outubro de 1928, com um culto festivo às 14 horas, celebrado pelo Pastor Theodor Koelle.

Para a inauguração do templo religioso luterano no vilarejo de Ferraz, fizeram-se presentes muitas pessoas do lugar e também da Comunidade Luterana de Rio Claro, celebrando culto em ação de graças do lançamento da pedra fundamental. (FIGURA 11).

**Figura 11-** Inauguração do Templo da Igreja Luterana de Ferraz, em 28 de outubro de 1928.



Fonte: Acervo do Museu Colégio Koelle.

Nesse período, a Igreja não contava com salão; no entanto, as festas de aniversário da Igreja eram realizadas na residência dos Senhores João Jacob Lautenschlager e Mariana Wenzel Lautenschlager, com uma grande fartura de comida e bebida. Eram colocadas diversas mesas, com vários tipos de bolos, tortas, pães e cufas que eram confeccionadas pelas próprias famílias alemãs, e outros quitutes vinham da Antiga Padaria Suíça de Rio Claro. (FIGURA 12).

A respeito dessa festividade da Igreja na casa da Família Lautenschlager, a senhora Doracy Sanchez Lautenschlager relata sua lembrança:

As festas da igreja luterana naquele tempo era nas casas, era na casa do Senhor Jacob Lautenschlager e Dona Mariana Wenzel Lautenschlager, e lá cada um trazia os pratos doces, salgados e ali se reunia para comemorar o aniversário da igreja. (DORACY LAUTENSCHLAGER, 2017).



**Figura 12-** Festa da Igreja Luterana na residência do Senhor João Jacob Lautenschlager, em 1930, em Ferraz.



Fonte: Arquivo Pessoal de Marli Lautenschlager (2015).

A partir de 1932, houve uma mudança na comunidade. O Pastor Koelle aposentou-se, ficando em seu cargo o Pastor Alemão Gehard Graetz, eleito para atender a Comunidade de Ferraz e Rio Claro, dando continuidade à missão de evangelização e fé no lugar.

A vinda do Pastor Graetz para celebrar os cultos em Ferraz é narrada por Dona Alzira Grossklaus Mackey neste trecho:

O Pastor vinha com o trem das dez e ia embora com o das duas, o Pastor Graetz vinha de Rio Claro da Igreja Luterana lá, daí o culto era aqui. Ele vinha uma vez por mês e depois começou a fazer duas vez por mês (ALZIRA MACKEY, 2015).

Após os cultos dominicais celebrados às 14 horas, o pastor fazia a reunião da mocidade, com cânticos, brincadeiras e mensagens. As reuniões dos ensinamentos confirmatórios também ficavam sob sua responsabilidade; ali, os jovens de descendência alemã, eram conduzidos a fazer leituras constantes da Bíblia, tinham tarefas de casa e, na participação dos cultos, eram chamados em frente ao altar do templo, para responder as perguntas referentes à palavra de Deus. Se os jovens não soubessem responder, levavam um sermão do Pastor, em frente a todas as famílias alemãs reunidas.

**Figura 13-** Primeira confirmação de Fé com o Pastor Gehard Graetz, em 1946.



Fonte: Arquivo Público e Histórico de Rio Claro (2015).

Passado um período, os cultos na comunidade alemã de Ferraz, começaram a acontecer duas vezes por mês, um realizado pelo pastor Graetz e outro por leigos; a Escola Dominical para as crianças foi assumida por membros da comunidade e funcionava todos os domingos.

A partir de 1958, com a chegada do casal alemão Antônio Eichenberger e Adria, que veio residir em Ferraz, a vida na comunidade luterana movimentou-se. Seu Antônio, eleito novo leigo, passou a conduzir a maior parte dos cultos de domingo, ficando apenas um sob a responsabilidade do pastor Graetz.

Em 1963, iniciou-se um coral de quatro vozes na comunidade alemã, sob a coordenação do Senhor Antônio, reunindo muitos luteranos que, com seus dotes musicais, entoavam hinos e cânticos em louvor a Deus, abrilhantando os cultos na igreja.

**Figura 14-** Primeiro Coral de quatro vozes formado por descendentes alemães, em 1963, em Ferraz.



Fonte: Arquivo Pessoal de Dilma Lautenschlager Biasotto (2015).

A respeito do coral e a atuação do Senhor Antônio Eichenberger na comunidade, Dona Alzira Grossklaus Mackey ainda afirma:

Seu Antônio Eichenberger veio morar aqui. Aí ele fazia mais vezes culto; ele era leigo não era pastor, mas fazia, daí ele arrumou um coral, a turma toda ia cantar, meu marido, meus filhos, todos os cinco cantavam, iam cantar, foram cantar em Rio Claro, foram cantar em outros lugares assim. (ALZIRA MACKEY, 2015)

Em abril de 1962, foi constituído o trabalho com as senhoras alemãs, a Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas (OASE). Os encontros também eram realizados pelo senhor Antônio e sua esposa Adria, que conduziam as mensagens bíblicas, abrindo-se espaço para o trabalho com as mulheres na comunidade. Essa semente lançada com as senhoras produz frutos até hoje. Foi construído, em 1970, o salão social da comunidade, para realização dos diversos eventos e confraternizações, também a cozinha e os banheiros, permitindo, com isso, uma melhora na infraestrutura do prédio para atender mais adequadamente seus participantes e visitantes.

Algum tempo depois, por volta de 1978, o Pastor Graetz despediu-se de Ferraz, após 40 anos de atuação no local, vindo a ser substituído pelo Pastor Oscar Henning,

que lá permaneceu por dois anos e meio. A partir de 1981, o Pastor Mauri Kappel passou a atender a Comunidade, e de 1989 a 1993, foi a vez do Pastor Walter Schmidt. Após a saída desse último, a igreja ficou sem pastor por mais de um ano, e os cultos continuaram sendo celebrados por leigos, até a chegada do Pastor Eldo Krüger que permanece até hoje à frente da Igreja local.

As obras junto à Comunidade foram acontecendo a partir de 1998, com a reforma da cozinha e dos banheiros, a ampliação do salão social, a construção da torre e de novos banheiros, tudo financiado com arrecadações provenientes de promoções, almoços, tarde de pratos e outros eventos.

Outro ponto importante a ser mencionado são as boas relações existentes entre a Igreja Luterana de Ferraz com outras igrejas no passado. A Igreja Presbiteriana, por alguns anos, usou o templo dos luteranos para a realização de seus cultos. Luteranos e Católicos em Ferraz sempre celebraram cultos ecumênicos e colaboraram mutuamente na realização de suas festas.

A Comunidade Luterana sempre teve um papel ativo em Ferraz, permanecendo assim até os dias atuais. Há um presbitério que se reúne a cada dois meses. São realizados quatro cultos por mês, acontecem reuniões de orações, estudos bíblicos, encontros da OASE, e ensaio do Coral. E ainda festas, tarde de pratos e almoços, reunindo famílias de descendência alemã e da comunidade local.

Após reformas e construções anexas, atualmente, a Igreja Luterana de Ferraz, encontra-se com pintura nova na fachada e uma torre para abrigar um sino; no centro da igreja, nota-se o símbolo da IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), banheiros novos ao lado direito, um salão social à sua esquerda, onde são realizadas as confraternizações da comunidade alemã. (FIGURA 15).

**Figura 15-** Igreja Luterana de Ferraz atualmente.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2015).

Em relação ao grupo escolar, para continuar atendendo os filhos dos imigrantes alemães que se mudaram das propriedades de Matão em direção ao vilarejo de Ferraz, os professores que iam de Rio Claro, continuaram lecionando na própria Igreja Luterana de Ferraz, somente para os filhos dos alemães. (FIGURA 16).

**Figura 16-** Primeiro Grupo Escolar Alemão no Vilarejo de Ferraz em 1935.



Fonte: Arquivo Próprio Autor (2013).

Segundo relatos da moradora Dona Alzira Grosklaus Mackey, de 99 anos, muitos filhos de alemães, que concluíam a 4ª série em Ferraz, e as famílias que possuíam um bom poder aquisitivo dirigiam-se a Rio Claro para continuar os estudos na Escola Alemã (antigo Ginásio Koelle). Lá, os alunos permaneciam por longos meses em regime de internato, onde, além das aulas, aprendiam artes, esportes e religião. Apenas nas férias escolares é que os alunos retornavam para junto de suas famílias nos sítios rurais.

Em 1945, foi construída a 1ª Escola Mista Rural de Ferraz, atendendo descendentes não só de alemães, mas também de outras nacionalidades. Com o passar dos anos, esse grupo escolar de Ferraz foi se aperfeiçoando, tornando-se em, 1967, a Escola Estadual de Primeiro Grau Rural de Ferraz. Em 1985, a escola passou a abrigar mais três salas de aulas, sendo duas pertencentes ao Governo Estadual e outra pertencente à Prefeitura Municipal de Rio Claro, reservada ao ensino de pré-escola,

denominando-se então Escola Rural de Ferraz, pois ficava fora da zona urbana. A partir de 2009, em prédio novo, a unidade escolar recebeu o nome de Escola Municipal Professor Benedito José Zaine. Durante todo esse período, ao terminar a 4ª série, os descendentes de alemães e outras nacionalidades, eram obrigados a dirigir-se a Rio Claro, para dar continuidade aos seus estudos, prática que permanece até os dias atuais.

Assim, as igrejas, mais antigas do local – Luterana e Católica – promoviam eventos para arrecadar fundos para o Grupo Escolar de Ferraz. Atualmente, esse costume permanece, não pela necessidade extrema de recursos como no passado, mas por uma questão de tradição. Ou seja, as igrejas, tanto protestante quanto católica ainda realizam eventos, com o intuito de arrecadar fundos para a escola existente, reafirmando a dedicação das famílias ao ensino e à religião em Ferraz.

### **3. AS FAMÍLIAS ALEMÃS E O COTIDIANO NO BAIRRO**

#### **3.1. As Famílias Alemãs em Ferraz**

Neste capítulo, far-se-á uma breve apresentação das principais famílias alemãs que estabeleceram raízes e fazem parte da história de Ferraz. Serão apresentados relatos de alguns descendentes que ainda habitam o lugar, preservando a memória de origem e fortalecendo os laços de pertencimento.

Entre elas estão às famílias: a) Grossklaus; b) Habermann; c) Lahr; d) Lautenschlager; e) Mackey; f) Schrank; g) Schneider. Vale evidenciar que essas famílias integraram o grupo de pioneiros que vieram trabalhar nas fazendas de café do interior paulista, no ano de 1847, em colônias alemãs diferenciadas ou a comunidade de imigrantes alemães de Kirchdorf (Leme-SP). Algumas biografias serão sinteticamente exibidas, complementadas com entrevistas realizadas com os descendentes mais antigos, que fazem parte do lugar e que mantêm a tradição e a cultura familiar Alemã viva e ativa na comunidade.

#### **Família Grossklaus**

A família Grossklaus é identificada como originária da Pomerânia, norte da Alemanha. Há indícios de que essa família tenha migrado daquela região para Campinas, em 1876, e logo em seguida para a colônia de Kirshdorf, em Leme-SP. Posteriormente, descendentes vieram em direção a Ferraz, ali fixando residência.

Segundo Gomes da Silva (2011 apud Witzel-Souza, 2014), a história da família Grossklaus inicia-se com Gustavo Grossklauss, natural de “Pommern”, casado com Guilhermina Habermann, de cuja união vieram filhos.

Conforme consulta a documentos históricos da Família Grossklaus, os senhores Gustavo Grossklaus e Guilhermina Habermann, por não se adaptarem à agricultura, seguiram primeiramente rumo à cidade de Leme, onde montaram uma fábrica de cerveja com o nome Fábrica de Cerveja ESTRELA, de Gustavo Grossklaus, onde vendiam além de cervejas, refrigerantes e licores que eram transportados em carroças por seus filhos.

Alguns anos mais tarde, não se adaptando mais ao serviço de comércio, a família resolveu vender o estabelecimento e comprar terras, que transformaram na Fazenda Ipiapira, na qual plantavam e colhiam junto com seus seis filhos: Ernesto, João, Carlos, Otto, Guilhermina e Augusta.

Ernesto Grossklaus, um dos filhos, tornou-se o único proprietário da Fazenda Ipiapira. Permaneceu no campo, ao lado da sua esposa Guilhermina Sharlack e de seus nove filhos, trabalhando nas lavouras de café, exportando o produto e plantando para subsistência.

Alzira Grossklaus Mackey, uma das filhas do senhor Ernesto Grossklaus, juntamente com seus irmãos, frequentava o internato do Colégio Koelle em Rio Claro. Nesse período Alzira conheceu o alemão Ernesto Mackey, também interno do Colégio, e ambos aproximaram-se, apaixonaram-se e iniciaram um namoro.

Em 1948, Alzira casou-se com Ernesto Mackey, vindo a residir em propriedade rural de Ferraz, juntamente com seus sogros. A partir de então, pode-se dizer que Dona Alzira trouxe o sobrenome da Família Grossklaus para Ferraz, transmitindo-o para seus filhos, tornando-o conhecido pela comunidade alemã do lugar.

A Família Grossklaus teve sua maior trajetória em Leme, mas acredita-se que foi a partir de meados da década de 40, com o matrimônio de Dona Alzira com Ernesto, filho de alemães da família Mackey, também residente do lugar, é que se inicia a história da família Grossklauss em Ferraz, com a participação dessa senhora na vida da comunidade.

**Figura 17-** Alzira Grossklaus, primeira descendente da Família Grossklaus. Deixou O município de Leme-SP para residir em Ferraz.



Fonte: O autor (2015).

Outro ponto relevante, e que merece destaque na Família Grossklaus, é que a Senhora Alzira, ao mudar-se para a comunidade alemã de Ferraz, após seu casamento, trouxe consigo um negro, ex-escravo das propriedades de sua família em Leme, pelo qual tinha um grande afeto, o Senhor Mané Sabino.

Segundo relatos da própria Alzira Grossklaus, o Senhor Mané Sabino, era considerado como um irmão para ela, pois ele a ajudou muito, principalmente no período em que tinha filhos pequenos e precisava dedicar-se às tarefas do lar, e também ajudar seu marido no sítio em Ferraz.

O Senhor Mané Sabino, como negro, era considerado membro da família, pois além de preparar a comida, sentava-se à mesa para fazer as refeições junto com seus familiares e filhos, ajudava na limpeza do lar, dava banho nos filhos e ainda tinha seu próprio quarto na residência da família Alemã. Neste sentido, Alzira nos fala com saudades desse senhor, e ainda relata que com seu falecimento, aos 102 anos de idade, fez questão de sepultá-lo no túmulo de sua família, no cemitério alemão em Rio Claro-SP. (FIGURA 18).



**Figura 18-** Senhor Mané Sabino, negro e ex-escravo, residente da Família Grossklaus.



**Fonte:** Arquivo Pessoal de Bárbara Mackey (2013).

A Família Grossklaus em Ferraz, principalmente com Dona Alzira, nos revela algo inédito, que é essa aproximação de negros e brancos, pois, apesar da origem alemã, as relações interpessoais, principalmente com um negro, eram mais humanas, se comparadas a outras realidades históricas, o que demonstra uma evolução no pensamento social dessa família.

### **Família Habermann**

De acordo com o Instituto Martin Staden (1917), (apud Witzel-Souza, 2014), a Família Habermann esteve associada à instrução e ao bem-estar religioso da comunidade alemã no interior de São Paulo. August Habermann esteve entre os principais promotores da criação de uma escola germânica em Kirschdorf, Leme, mesmo frente às dificuldades econômicas, frequentemente enfrentadas pelos imigrantes. E seu sucessor, Gustav Habermann, lutou fervorosamente pela manutenção da língua alemã na região, isso em tempos perturbados por duas guerras mundiais.

Os patriarcas da família eram August, Ferdinand, Franz e Wilhelm, que plantaram muitas sementes no interior paulista. Segundo Gomes da Silva (2011 apud Witzel-Souza, 2014), August e Ferdinand embarcaram com suas famílias na Antuérpia, cruzando o Atlântico já a bordo de um vapor alemão, o "Dona Izabel", aportado em Santos em 12 de maio de 1875. Porém, não se sabe determinar se Franz e Wilhelm vieram na mesma embarcação ou sobre o seu grau de parentesco. Ainda assim, sabemos que Wilhelm era casado com Albertina Strich, com quem tivera, ainda em terras alemãs,

os filhos Emma e August. Já no Brasil, nasceram Maria Augusta e Otto, respectivamente, em Pirassununga e Kirchdorf. Franz, por sua vez, era casado com Louise Hanse, tendo a filha Johanna nascido em 1898.

Ainda de acordo com o pesquisador Witzel-Souza (2014), esses pioneiros foram encaminhados para a Fazenda Cresciunal, propriedade do famoso Senador Souza-Queiroz, em Pirassununga. Nela também se fazia menção a nomes como Carolina, Augusta, e Guilhermina Habermann, cujos laços de parentesco com os patriarcas mencionados acima não se puderam traçar, infelizmente.

Sabe-se que Carolina foi casada com Hermann Will, com quem teve as filhas Mirina (1879) e Elise, ainda na Fazenda Cresciunal. Augusta, por sua vez, desposou Ernst Landgraf, ele natural de Wasungen, de cujo matrimônio nasceu o filho Otto. Finalmente, Guilhermina Habermann, mencionada anteriormente, casou-se com Gustav Grossklauss. Já como membros de Kirchdorf, encontramos Ernst e Max Habermann, este último casado com Bertha Bandelin, tendo a filha Mathilde nascido em 1899.

Percebe-se, a partir dessa trajetória, que os Habermann são encontrados primeiramente na região de Pirassununga, depois Leme (Kirshdorf) e, finalmente, em Ferraz. Isto é observado no diálogo com os descendentes mais antigos da Família Habermann, que vivem atualmente em Ferraz, e relatam que seus avós eram da região de Leme (Colônia de Kirshdorf), e seus pais tinham primos naquela cidade.

O senhor Lair Persio Habermann e seu irmão Ailton Habermann, moradores de Ferraz, relatam que o pai, chamado Emilio Habermann, neto de alemães, nasceu em 1909, na cidade de Leme, e lá cresceu. Após um tempo, veio com seus pais morar em propriedade rural localizada na Estrada do Matão, na cidade de Corumbataí, mudando-se, em seguida, para propriedade próxima à Vila de Ferraz.

**Figura 19-** Emilio Habermann, neto de alemães, nascido em Leme. Foi morar em Ferraz com seus pais.



Fonte: Arquivo pessoal de Ailton Habermann (2016).

De acordo com eles, todos os membros da família – mãe, pais e avós – trabalhavam na lavoura, plantando arroz, feijão, alho e milho. A colheita era muito pouca, sendo totalmente vendida. Não havia empregados e nem pessoas contratadas para ajudar nesse trabalho com a terra.

Ailton Habermann, ainda a respeito das colheitas que aconteciam na propriedade rural de sua Família, informa:

[...] realmente tinha comprador de Rio Claro, vinha direto de caminhãozinho, chamava Adão Lahr, comprava da roça para revender lá (AILTON HABERMANN, 2016).

Outro ponto interessante era a respeito de como funcionavam os trabalhos nas lavouras da Família Habermann, as ferramentas utilizadas na lida com o campo, sobre o que o senhor Lair Habermann comenta:

[...] era difícil né, porque era tudo braçal, nós era pobre, nem existia quase maquinário, bom era tudo braçal mesmo, arava com animal, plantava na enxada também, né, mas isso quando era moleque, depois da escola, fomos na escola, aí trabalhamos mais dois, três anos na lavoura, depois fui trabalhar na olaria (LAIR HABERMANN, 2016).

De acordo, ainda, com os irmãos Habermann, naquele período não havia carro, portanto, tinham que sair do sítio e andar alguns quilômetros pela estrada de terra, cheia de lama quando da época de chuva, tanto para ir a escola, como para poder participar dos cultos na Igreja Luterana. Chegando perto da Igreja, paravam na casa de alguns amigos para lavar os pés e calçar os sapatos e poder entrar no templo. A Senhora Ivone Habermann, de 80 anos, moradora de Ferraz, prima de Lair e Ailton Habermann, também morou, quando menina, na propriedade rural de Matão, junto com pais e avós, e também andava 7 quilômetros, diz ela, junto com seus irmãos, caminhando e atolando os pés no barro, até chegar na Igreja Luterana de Ferraz.

Dona Ivone, como é conhecida, foi uma das professoras da Escola Dominical da Igreja Luterana de Ferraz, no passado. Lecionava para 33 crianças de famílias alemãs que moravam no local, ensinando a palavra de Deus, e também ajudava na preparação das crianças para as festividades de Natal, como teatros e recitação de poesias. De acordo com Dona Ivone Habermann, alguns cultos eram realizados em língua alemã, mas nem todos entendiam como ela mesma diz neste trecho:

Tinha uma época que os cultos eram em alemão, meu pai entendia um pouquinho, minha mãe não (IVONE HABERMANN, 2016).

De acordo com Ivone Habermann, ela e seus irmãos adoravam participar dos cultos e atividades da Igreja, eram momentos muito alegres, e por mais que tivesse que andar alguns quilômetros, participar da comunidade era muito gratificante, e isso se tornava uma descontração para as crianças daquele período.

Observa-se que a Família Habermann sempre teve uma identidade com a religião, desde os primeiros imigrantes que se estabeleceram em Leme, e com os descendentes em Ferraz. Ailton, Lair e Ivone, constituíam uma família seguidora da fé luterana, isto se iniciando no passado e fortalecendo-se com o tempo; havia, também, a forte atuação da família no trabalho com o campo, revelado através das tarefas árduas nas lavouras.

Outra curiosidade é que muitos Habermann que se estabeleceram em Ferraz tinham grau de parentesco com outras famílias, por exemplo, os Schranks e os Grossklaus, devido ao fato de o avô ou a avó terem se casado com membros dessas famílias. Essa herança passou aos descendentes – os primos Habermann e Schrank estão casados atualmente.

**Figura 20-** Carlos e Lídia Habermann, tios de Ailton e Lair Habermann, no ano de 1950.



Fonte: Arquivo pessoal de Ailton Habermann (2016).

## Família Lahr

Dentre as famílias pesquisadas, os Lahr foram os primeiros a chegar ao Brasil, encontrando-se entre os alemães pioneiros, vindos para a fundação da Colônia Senador Vergueiro, na Fazenda Ibicaba, em 1847. Segundo Witzel-Souza (2014), os Lahr eram a família nº 29 da lista elaborada pelo Vice-Cônsul Suíço, Charles Perret-Gentil. Essa família era composta pelo patriarca J. Lahr, sua esposa e quatro filhos, que cuidavam de 4.540 pés de café, mas que haviam acumulado uma dívida, em 1851, de 194\$888 réis. Ainda assim, a família pudera comprar, nos 4 primeiros anos em que estivera em Ibicaba, uma vaca.

Para Witzel-Souza (2014), a trajetória exata desses antigos Kaffeepflücker não pode ser identificada, mas os Lahr devem ter deixado a Fazenda Ibicaba antes do fim da década de 1850, dado que a família não é encontrada naquela década. Possivelmente, seguiram para outras fazendas como trabalhadores, ou compraram pequenas propriedades ou, ainda, foram estabelecer-se nas cidades mais dinâmicas do interior.

**Figura 21-** Família Lahr , Patriarca e Matriarca e seus filhos – Ano:1915.



Fonte: Arquivo Público e Histórico de Rio Claro (2013).

Esse fato da migração da Família Lahr para outras regiões além de Ibicaba confirma-se a partir de relatos da senhora Gessy Lahr, de 80 anos, neta do senhor Jacob Lahr, e que reside atualmente em Rio Claro. Conta que seu avô veio da Alemanha para

trabalhar em fazenda de café, e depois de um tempo junto com os filhos mudou-se para propriedade rural na Estrada do Matão, em Corumbataí, tendo seu pai nascido nessa propriedade. Em seguida, ele e alguns tios começaram a migrar em direção à Vila de Ferraz, iniciando a história da família neste lugar.

Supõe-se que Jacob Lahr, citado por Dona Gessy, seja o patriarca “J.Lahr” mencionado por Witzel. Dona Gessy nasceu em 05 de Agosto de 1935, em propriedade rural do Matão. Filha única do casal Jacob Lahr Filho e Sebastiana Fiano Lahr, morava no sítio com seus pais, avós e tios: Jorge Lahr, Alberto Lahr, Augusto Lahr, Frederico Lahr, Emorgenes Lahr, Luiza Lahr, Virginia Lahr e Guilhermina Lahr. Dona Gessy afirma que mantém grandes recordações do seu período de infância ao lado da família naquele lugar, principalmente ao lado do patriarca e avô alemão Jacob Lahr, da avó, do pai e dos tios:

Maravilhoso, meus avós tinha só eu de criança então era super paparicada pelo meu avô, né. Então eles desciam, moravam numa casa muito bonita, tenho a fotografia. Admiro muito os meus avós que eu tenho a fotografia aí, porque tinha casa toda avarandada, toda ajardinada, com aquele pomar grande e a gente tinha um morro e descia e a gente morava lá embaixo no Matão, tinha uma ponte, um rio, que hoje não tem nem rio mais. Morava meu pai, minha mãe, eu aí depois que veio minha tia Virginia e o tio Popola, com seus oito filhos morar tudo lá. Então eu vejo meu avô, meu pai, meus tios, todos fazendo açúcar melado, rapadura, puxa-puxa para aquela meninada que não havia o que chegasse, não tinha doce quase naquele tempo né, e tinha uma tulha assim preta de madeira, onde se colhia muito algodão, então enchia de algodão, então a meninada era o pula-pula, o tobogam da meninada (GESSY LAHR,2015).

A Família Lahr desenvolvia diferentes tipos de lavouras, sendo que algumas eram mais para subsistência e outras para venda, e o trabalho não era fácil, como diz dona Gessy:

Então a coisa que eu mais lembro era a plantação de trigo lá, depois lembro do meu pai plantando arroz, feijão, plantava ervilha, plantava alho, depois a noite ele ficava a noite na tulha, trançando o alho. Nossas bonecas naquele tempo eram de Milho...Me lembro que meu pai vendia muita ervilha e alho, e arroz era mais para o gasto. Tudo manual, imagina eu lembro minha mãe capinando arroz com a água por aqui nas pernas, e meu pai, tudo na enxada (GESSY LAHR,2015 ).

O trabalho na plantação de trigo era manual, e as colheitas reuniam todos os homens da propriedade da Família Lahr. (FIGURA 22).

**Figura 22-** Plantação de trigo na propriedade rural da Família Lahr, na estrada do Matão, próximo a Ferraz.



Fonte: Arquivo pessoal de Gessy Lahr (2015).

Além dessas informações, a própria senhora Gessy Lahr revela que, aos 10 anos de idade, a família se mudou da Propriedade do Matão em direção à Vila de Ferraz, pois seu pai havia comprado um pedaço de terra ao lado de um de seus tios. Seus avós já haviam falecido. Porém, nesse novo local, continuaram plantando para venda e para subsistência.

Quanto à religião, Dona Gessy Lahr relata que, quando residia em Matão, frequentava a Igreja Luterana em Ferraz, pois um primo de seu pai era um dos pregadores. No entanto, quando foi morar próximo à Vila de Ferraz, passou a frequentar a Igreja Católica Bom Jesus de Ferraz, em razão de uma maior proximidade com a casa da família e pelo fato de sua mãe ser católica. Isso configura algo muito interessante, por ser ela a primeira e a única família alemã do lugar que rompeu com as bases do protestantismo, seguindo o catolicismo.

Outro ponto informado pela descendente mais antiga da Família Lahr, é que o primeiro velório de que participou quando criança foi o da matriarca alemã da Família Schranck, e que ficou registrado em sua memória, como ela mesma diz:

Mas eu me lembro uma coisa, o primeiro velório que eu fui, sabe a Família Schranck lá, foi a senhora Schrank lá, a matriarca. Foi o velório que fui, bem pequenininha, nunca mais esqueci (GESSY LAHR, 2015).

Quanto à escolaridade, a referida senhora da Família Lahr nos conta que ingressou na Escola de Ferraz com 7 anos, onde cursou até o 4º ano. Suas professoras chamavam-se Olga Bolzan e Ida Campos. Essas mulheres iam de trem até Ferraz, e eram aguardadas por todos os alunos com grande expectativa, diferente de hoje, segundo ela diz abaixo:

Elas desciam do trem, hoje conta muito isso saia da linha, e caminhava onde era a escolinha antiga, e depois fizeram a pinguela, a gente atravessava o rio para carregar as bolsas da professora, e nós brigava para carregar a bolsa da professora (GESSY LAHR, 2015).

As brincadeiras do tempo de criança eram barrabol, peteca, lenço atrás e esconde-esconde, como informado por dona Gessy. E, na juventude, os principais lazeres eram: participar de bailes, assistir jogos de futebol e ver o trem passar, como informado nesta fala:

A gente se divertia muito, nós não tinha televisão mas nada. Sábado a gente ia nos bailes, e domingo tinha jogo de futebol, mais era jogo de futebol, tinha caminhão que saia daqui, e a tarde a gente ia ver o trem passar, era a nossa vida (GESSY LAHR, 2015).

Além disso, a senhora Gessy Lahr conta que sua família tinha dons musicais, por exemplo: seu pai tocava violão, o tio violino, e junto com os outros irmãos formavam um conjunto musical da família, porém ela não chegou a conhecer esse conjunto, pois era muito pequena. Mas, segundo ela, a participação da música na vida da sua família alemã, era muito forte. A imagem a seguir mostra o conjunto musical da Família Lahr, em frente à casa dos patriarcas alemães em Ferraz. (FIGURA 23).

**Figura 23-** Conjunto musical da Família Lahr.



Fonte: Arquivo pessoal de Gessy Lahr (2015).



É possível perceber com Dona Gessy, que a Família Lahr deixou um grande legado, a vida árdua no trabalho com o campo, mas também a união familiar e, acima de tudo, o gosto pela música, herdada pelo pai e tios, que se disseminaram entre os descendentes.

### **Família Lautenschlager**

A Família Lautenschlager é originária de Gächlingen, região de Schaffhausen, na Suíça. Entre os pioneiros dessa família estão Jakob Lautenschlager, nascido em 1801, carpinteiro de profissão, e a esposa Catharina Gysler. O casal imigrou com 5 filhos para o Brasil no ano de 1852: Anna, o jovem Johann Gottlieb Lautenschlager, com 13 anos de idade, Elizabeth, Jacob e Catharina, com destino à Fazenda Biri em Rio Claro, sendo que esta fazia divisa com as fazendas Cubotinga e Ibicaba.

Consoante carta enviada pelo pesquisador Nilson Lautenschlager ao seu pai, no ano de 2003, que trouxe junto documentos de Gachlingen, a imigração dessa família de suíços para terras brasileiras ocorreu como forma de fugir da fome e da miséria que assolavam a comunidade de Gächlingen.

A falta de emprego, as guerras napoleônicas, os embargos que as corporações de comerciantes impunham aos agricultores na região, não permitindo que plantassem o que queriam, fizeram com que se sentissem sufocados, não encontrando alternativa a não ser emigrar.

A emigração foi legal e contou com o apoio do governo suíço, o qual inclusive enviou um agente, o senhor Thomas Davatz para instalar as condições dos imigrantes. Com a Família Lautenschlager, mais 13 famílias e uma pessoa solteira emigraram para o Brasil. A rota dessa imigração é descrita da seguinte forma: o navio foi por Hamburgo, via Le Havre, França para o Brasil, levando três meses a viagem. A viagem entre o porto e a Fazenda Biri, onde se instalaram levou 18 dias.

Os patriarcas da Família Lautenschlager no Brasil, Jakob Lautenschlager e Catharina Gysler, juntamente com os filhos, Anna, Gottlieb, Elizabeth, Jacob e Catharina, trabalharam como colonos na Fazenda de Biri, e estavam submetidos ao regime de parceria, sofrendo os mesmos abusos e injustiças que outros imigrantes que ali se instalaram.

Pelos registros de um dos filhos, Johann Gottlieb Lautenschlager casou-se com Cleopha Jost, com quem teve onze filhos: João Jacob nascido em 03/01/1866, João

George, Bartholomeu, Christiano, Joana, Barbara, Isabel, Leonardo, João Gottlieb, Mariana, Catharine, todos da primeira geração, nascidos e criados em Rio Claro. (FIGURA 24).

**Figura 24-** Johan Gottlieb Lautenschlager, sua esposa Cleode Iost e seus onze filhos.



Fonte: Arquivo pessoal de Nilson Lautenschlager (2016).

Anos depois, João Jacob Lautenschlager casou-se com Mariana Wenzel, de família alemã, passando a morar na região de Batovi, em Rio Claro, onde tiveram os filhos: Carolina, Bartholomeu, Mariana, Amélia, Julia e Jacob Germano. Depois de algum tempo, João Jacob, comprou um sítio, em 1908, no Matão em Corumbataí, próximo a Ferraz, e lá nascem mais três filhos: Otília, Marta e Guilherme Lautenschlager.

Na propriedade rural da família em Matão, os filhos trabalhavam na roça, criavam vacas leiteiras, tinham uma vida simples, árdua e difícil, mas sempre colaboravam uns com os outros. Apesar do trabalho, a fé era algo inquestionável para a Família Lautenschlager, sendo que nessa mesma propriedade de João Jacob, existia uma Casa de Madeira, onde aconteciam encontros religiosos entre as famílias alemãs, todas adeptas do luteranismo.

Os encontros eram dirigidos pelo Pastor Teodor Koelle, de Rio Claro. Nessa mesma propriedade o Professor Paulo Sholtz, também de Rio Claro, ensinava a leitura e a escrita às crianças, em suíço e alemão. Em 1925, o senhor João Jacob Lautenschlager

comprou vários pedaços de terra em direção à Vila de Ferraz. E, então, com os tijolos fabricados em sua própria olaria, construiu uma casa toda avarandada, com vários quartos, para abrigar sua família. Naquele mesmo ano, ele, esposa e filhos saíram do sítio no Matão e passaram a morar em Ferraz.

A partir desse acontecimento, podemos dizer que se inicia a história da Família Lautenschlager em Ferraz, pois o casal João Jacob LAUTENSCHLAGER, esposa, juntamente com os filhos começam a fazer parte do cotidiano e a estabelecer contato com outras famílias do lugar, estabelecendo raízes e identidade Familiar.

O casal Marianna Wenzel e João Jacob Lautenschlager, pioneiros da Família Lautenschlager no vilarejo de Ferraz, eram muito religiosos e prestativos com a comunidade. (FIGURA 25).

**Figura 25-** João Jacob Lautenschlager e sua esposa.



Fonte: Arquivo pessoal de Marli Lautenschlager (2015).

Após algum tempo morando no bairro, João Jacob Lautenschlager percebeu que muitas famílias alemãs vinham migrando em direção ao vilarejo, havendo falta de um espaço onde pudessem se reunir para professar a fé. Foi, então, que decidiu doar um terreno para a construção da Igreja Luterana no bairro, e também cedeu sua casa para a realização das festas de aniversário da Igreja.

Verifica-se que João Jacob Lautenschlager, filho do alemão Johann Gottlieb, além de ser o patriarca da Família Lautenschlager em Ferraz, era um homem muito temente a Deus, preocupado com o fortalecimento de fé das pessoas, um grande agricultor e lavrador e queria sempre o bem estar de sua família. Uma das netas de João Jacob, a senhora Nideval Lautenschlager, de 81 anos, que possui casa em Ferraz, confirma esse gesto bondoso e prestativo de seu avô por meio da seguinte fala:

O meu avô eu gostava muito dele, porque ele deixava a gente apanhar fruta, nem que não tava muito madura, ele deixava, agora a vó era aquela alemã, ela só dava quando tava bem madura mesmo né, e ele então escondidinho ele apanhava um pouco e chamava a gente pra dar que ele via que ela não tinha dado, tinha aquelas jabuticabeiras, e ela só deixava apanhar bem madurinha. (NIDEVAL LAUTENSCHLAGER, 2015)

Além disso, outro ponto relevante era a língua falada entre pais e avós dessa família naquele período. Muitos chegaram a ter contato mais próximo com os avós e os tios mais velhos e aprenderam a língua alemã e suíça; outros já não tiveram a oportunidade, pelo fato de serem mais novos e com o tempo muitos deles já terem falecido. Nadiel Lautenschlager, filho de Jacob Germano e outro neto de João Jacob, nos relatam a respeito deste acontecimento.

Meus irmãos os mais velhos, eu tinha uma tia que ficou parálitica, chamava Julia, então ela não podia fazer serviço, era muito inteligente, ela chamava meus irmãos Norberto e Nilson, dava uma hora aula de alemão pra eles, então eles aprenderam bastante, aí ela faleceu então, os mais novos não tiveram aquela oportunidade, mas a minha finada avó e o avô nós chegava lá tinha que falar “Goot Mor”, tinha que falar alemão lá, ela forçava um pouquinho, mas depois faleceram e a gente esqueceu, devia ter estudado né, mas deixou (NADIEL LAUTENSCHLAGER, 2016). (Guten Morgen)

Edilde Martinez, filha de Otilia Lautenschlager, relata que sua mãe dizia que sua tia Julia Lautenschlager ficara parálitica na juventude e se locomovia pelos corredores da casa de seu avô arrastando uma cadeira, pois naquele período não existiam cadeiras de roda. Inclusive, a casa do avô, foi feita com varanda, para que ela pudesse olhar um pouco a paisagem de fora da casa. Para ir aos cultos, dois homens erguiam a cadeira e a levavam até a igreja. Era uma mulher de uma inteligência admirável e falava bem o alemão. (FIGURA 26).

**Figura 26-** Julia Frida Lautenschlager.



Fonte: Arquivo pessoal de Marli Lautenschlager (2015).

Outro ponto a destacar é que a maior parte dos descendentes mais antigos da Família Lautenschlager, que atualmente vivem em Ferraz, cursaram até o 4º ano escolar na antiga Escola Mista Rural de Ferraz. As turmas eram compostas de meninos e meninas, e os professores iam de trem até Ferraz, diferentemente de seus pais, que tiveram aulas em propriedades rurais e em situações bem mais difíceis. O neto de João Jacob Lautenschlager, senhor Nadiel Lautenschlager, relata neste trecho um pouco sobre seus estudos e professores em Ferraz:

Eu estudei até a 4ª série, estudei pouco, mas fui sempre aluno exemplar, passei sempre os quatro anos em primeiro lugar, isso eu agradeço a Deus. A Dona Carmem que me deu aula no primeiro ano, esqueço o sobrenome dela, e do segundo até o terceiro ano era a dona Olga Galazo Bolzan, depois do terceiro pro quarto, ia no Marcelo Schmidt, então nós ia pra Rio Claro com o trenzinho entende, a professora minha chamava Angelina Malaman (NADIEL LAUTENSCHLAGER, 2016).

Nadiel Lautenschlager, quando criança, além de frequentar a escola, tinha que ajudar os pais na lavoura, o que era muito comum naquele tempo. Não existiam ajudantes contratados, a família era pobre, e todos tinham que se esforçar juntos para garantir o sustento da casa. Ele e os irmãos iam à escola, almoçavam em casa e ajudavam o pai na plantação arroz e na várzea.

Ainda de acordo com Nadiel, os produtos plantados pela Família Lautenschlager na lavoura eram a mandioca, geralmente encaixotada e levada de caminhão para as Centrais Estaduais de Abastecimento (CEASA) em SP, e outros itens como feijão, arroz, milho, batata, enviados de trem para a cidade de Rio Claro. Lá havia um comprador alemão conhecido como Carlos Hauptmann, que tinha um depósito grande, comprava os produtos da família e em seguida distribuía para outros armazéns.

Outro neto de João Jacob Lautenschlager, o Senhor Jair Silas Lautenschlager, filho de Guilherme Lautenschlager, também morador de Ferraz, recorda-se de que nas épocas das colheitas, uma família ajudava a outra:

Na colheita da mandioca, fazia mutirões, chamava vizinhos, amigos, um ajudava o outro, uma família ajudava a outra nos mutirões. A família Lahr, por exemplo, ajudava os Lautenschlagers (JAIR LAUTENSCHLAGER, 2016).

O senhor Jair Silas comenta que seu avô João Jacob era também dono de uma olaria de tijolos, a qual, após sua morte, o pai Guilherme passou a administrar. Logo, ele e seus irmãos trabalhavam na olaria, principalmente carregando tijolos e transportando até a estação de trem, como diz neste trecho:

A gente trazia de carroça até a estação, carregava nas gôndolas, ia até Rio Claro, e depois eles faziam baldeação que a maioria ia pra São Carlos, Analândia, muito pra São Carlos, foi muito tijolo pra São Carlos (JAIR LAUTENSCHLAGER, 2016).

Os descendentes mais antigos da Família Lautenschlager, que ainda moram em Ferraz, guardam consigo as lembranças do passado, principalmente do trabalho árduo no campo. Mas também se recordam da infância, dos amigos, do convívio com os pais, do lazer, dos meios de transporte, das atividades na Igreja, principalmente das comemorações de Natal coordenadas por Martha Cleopha Lautenschlager, filha de João Jacob, que era uma das professoras mais cativantes da Escola Dominical.

A senhora Martha Lautenschlager era muito conhecida por sua dedicação junto aos trabalhos religiosos com a Igreja. Ela começava a fazer a separação de textos, poesias e jograis de Natal, no mês de setembro, para preparar os jovens e as crianças da Comunidade para encenação das peças teatrais, que aconteciam todos os Natais, na noite de 24 de Dezembro. Além disso, Dona Martha Lautenschlager, escolhia as canções natalinas que seriam entoadas nas festividades de Natal da Igreja Luterana,

fazendo ensaios constantes, proporcionando melhor preparação das crianças e jovens, para que eles fizessem uma apresentação de qualidade (FIGURA 27).

**Figura 27-** Martha Cleopha Lautenschlager e duas crianças na comunidade de Ferraz.



Foto: Arquivo Pessoal de Gilberto Abaete Lautenschlager (1995).

Outra recordação de Edilde Martinez, neta de João Jacob, é que sua mãe Ottilia Lautenschlager contava que a primeira casa onde morava seu avô, no Matão, próximo a Ferraz, tinha o chão todo de barro. Quando chovia torrencialmente, toda a casa ficava inundada, e os familiares jogavam cinzas no chão para não escorregar. Além disso, ela relata que sua mãe aprendeu a costurar com a tia Barbara Lautenschlager que era irmã de seu avô João Jacob Lautenschlager, e essa tia morava em Rio Claro..

Edilde relembra, ainda, que na Família Lautenschlager, muitos tinham dons musicais, muitos primos cantavam na igreja, outros tocavam em coros de jovens da comunidade. Segundo ela, o primo Nilson Lautenschlager, que era músico, coordenava uma orquestra, formada por jovens de outras famílias alemãs, e também outras descendências, e se reuniam todas as tardes para ensaiar, e faziam grandes apresentações em diversas localidades como Rio Claro, Corumbataí, e também no próprio bairro de Ferraz, no Salão da Família Meffe, onde a mocidade se reunia para os bailes festivos. Nota-se, com isso, a aproximação da Família Lautenschlager com a música. (FIGURA 28).

**Figura 28-** Orquestra Musical coordenada por Nilson Lautenschlager.



Foto: Arquivo Pessoal de Norberto Wilmar Lautenschlager.

A Família Lautenschlager de Ferraz atualmente se encontra na 6ª geração. A maioria dos descendentes de João Jacob Lautenschlager, filho de Johann Gottlieb, ainda são moradores ou têm propriedades em Ferraz, compondo uma família que preserva a tradição, seguindo o exemplo do patriarca, atuando como cidadãos que prezam pelo bem do lugar e de seus moradores.

### **Família Mackey**

Segundo documento de descendentes da família que residem em Ferraz, a história da Família Mackey inicia-se com o patriarca Luiz Mackey e sua esposa Frederica Mackey, na Alemanha. Juntos tiveram 6 filhos: Max Mackey (nascido em 1875, na cidade de Apolda, estado da Turíngia, antes Prússia e hoje Alemanha) Guilherme Mackey, Luiz Mackey, Paulo Mackey e mais duas filhas, não citadas no documento da família.

Luiz Mackey veio para o Brasil sozinho, fugindo da guerra em 18 de dezembro de 1886, aos 38 anos de idade, no navio “Provence”. Deu entrada no Brasil como solteiro, aqui trabalhou em olarias na região de Santo Amaro - SP, induzindo a pensar que teria se separado de sua esposa antes do embarque.

Imagina-se que sua esposa Frederica Mackey viria anos depois com seus filhos, porém na hora do embarque ficou com medo, pois havia descoberto que alguns navios



havia afundado naquela época. Com o passar dos anos, Luiz trouxe para o Brasil os filhos homens: Max Mackey, Luiz Mackey e Paulo Mackey, com aproximadamente 13 e 14 anos de idade, deixando a esposa Frederica, o filho Guilherme e as duas filhas na Alemanha.

De acordo com fontes da família, o senhor Luiz Mackey, patriarca da família no Brasil, construiu uma casa de tijolos sem queima em São Paulo que, em função de uma chuva forte veio a desmoronar. No entanto, não podendo acomodar seus três filhos, Max e Luiz vieram para Rio Claro, onde foram trabalhar em uma fábrica de cerâmica de José Ferreira da Silva, a conhecida Cerâmica Ferreira.

Paulo Mackey, o terceiro filho, ficou com seu pai em São Paulo e foi doado para uma família de espanhóis e, mais tarde, acabou se casando com uma das filhas dessa família espanhola. Com o fim da guerra, Guilherme Mackey, outro filho de Luiz Mackey que havia ficado na Alemanha junto com a mãe e as irmãs, chegou ao Brasil, e partiu em direção a Rio Claro, trazendo consigo sua esposa e um casal de filhos Ernesto com 7 anos e Helena de 01 ano de idade.

Conforme revelou a própria filha de Guilherme, a senhora Helena, aos 97 anos de idade, reside com as sobrinhas em Ferraz, o nome de seu pai é Wilhelm (Guilherme) Erdman Robert Mackey, sua mãe chamava-se Lina Maria Kirchner. Seus pais, ela e o irmão Ernesto nasceram na Alemanha. Porém como ela era muito pequena, não se lembra de detalhes da viagem do navio e nem do desembarque no Brasil.

Dona Helena Mackey, irmã de Ernesto, conta, ainda, que seu pai Guilherme Mackey, quando veio em definitivo para o Brasil, fixou-se em Rio Claro e abriu uma grande Malharia e Loja de Tecidos, com o nome da própria família “Malharia Mackey” tornando-se um comerciante de sucesso. Possuía clientes em toda cidade e região, inclusive ela, Helena, e seu irmão, quando jovens ajudavam nas tarefas da malharia.

Com o passar dos anos, devido à forte crise econômica que assolou o país, as vendas na malharia começaram a cair, então o pai de Helena, Senhor Guilherme Mackey, decidiu vender seu comércio e comprar um sítio nas proximidades de Ferraz, onde construiu a primeira granja de Ferraz e, paralela a essa atividade, desenvolveu lavouras de algodão, arroz, feijão, milho e mandioca, com a ajuda da família. Quanto à escolaridade, Helena e Ernesto Mackey estudaram no Colégio Koelle, em Rio Claro.

Durante o período escolar, Ernesto Mackey conheceu Alzira Grossklaus, natural de Leme e neta de alemães. Foi então que começaram a namorar, vindo a se casar tempos depois, passando a residir em propriedade rural de seus pais em Ferraz.

A senhora Helena Mackey relata que, ao completar a juventude, foi morar em São Paulo, onde trabalhou como babá em casas de família, sendo que seu irmão Ernesto Mackey, continuou no sítio em Ferraz, mesmo casado, ajudando seus pais. Após o falecimento dos patriarcas, o senhor Ernesto mudou-se com sua esposa para uma casa em direção à Vila de Ferraz, mas permaneceu cuidando da propriedade rural da família.

Nesse sentido, verifica-se que o alemão Ernesto deu continuidade à história da Família Mackey em Ferraz, onde, juntamente com sua esposa Alzira, estabeleceu raízes, que foram passadas aos filhos, Maria Guilhermina, Sônia, Bárbara e Guilherme Mackey, sendo que alguns desses ainda residem em Ferraz, e colaboram em diversas atividades do bairro e, assim, preservam as origens da família.

**Figura 29-** Os Patriarcas da Família Mackey – O casal Lina Maria e Guilherme Mackey ao centro, com os filhos Ernesto e Helena Mackey.



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Guilhermina Mackey (2016).

Um fato interessante que Barbara Mackey relata é que sua mãe Alzira, casada com seu pai Ernesto, dizia que o seu sogro Guilherme Mackey, havia participado da Guerra de 1914. Porém, durante o período da guerra, a avó Lina havia ficado grávida de seu pai Ernesto. Este, ao retornar da guerra, vendo que sua mulher esperava um filho, ficou desconfiado de que o filho fosse de um dos tios. Nesse momento, arremessou um machado em direção à avó, que ficou bastante assustada, devido à condição em que se

encontrava, mas nada aconteceu ao bebê, que era o senhor Ernesto.

Outra curiosidade revelada pela mãe de Bárbara é que o avô Guilherme Mackey, durante a Guerra, foi se esconder dentro do navio, em um porão onde estocavam as comidas para os guerrilheiros. Nesse momento, um dos comandantes da tropa questionou ao Senhor Guilherme o que ele estaria fazendo lá, e o mesmo disse que tinha habilidade em preparar comidas, e então foi feito um teste, e a partir daquele momento Guilherme passou a servir a guerra como cozinheiro, e por essa razão teve que permanecer até o final dela.

### **Família Schranck**

Similarmente a outras famílias em Ferraz, os Schrank possivelmente fizeram parte da leva de imigrantes que trabalharam primeiro na Fazenda Cresciumal, sendo, posteriormente, fundadores da Colônia Kirchdorf, em Leme, tendo, finalmente, migrado para Ferraz.

Segundo Witzel-Souza (2014), é a partir desse contexto que encontramos as famílias de August e Martha Schranck. O primeiro casou-se com Johanna Jost ainda durante sua estada na Fazenda Cresciumal. Desse matrimônio nasceu a filha Bertha. Martha, de seu lado, desposou Bendix Hansen, com quem teve o filho Rudolf (1898), já estabelecidos na colônia Kirchdorf. Apesar de membro da colônia, Bendix era dinamarquês de nascimento.

Vale lembrar que, à época, vieram ao Brasil muitos emigrantes do Schleswig-Holstein, no extremo norte da atual Alemanha, na fronteira com a Dinamarca. No Brasil, alemães, suíços e mesmo dinamarqueses eram usualmente todos classificados como "alemães", pela língua e pela aparência física. Ainda assim, a família Schrank menciona um exemplo interessante, com a presença de um dinamarquês.

O pesquisador Witzel (2014) cita que outro membro da família foi Ida Schranck, que se casou com Heinrich Scharnhorst e de cujo matrimônio nasceram Hermann e Leopold. Não foi possível determinar se Ida possuía algum grau de parentesco com os Schrank do interior, tendo sido encontrada na capital paulista.

Em Ferraz, ainda se faz presente a Família Schranck, muito ativa na comunidade alemã. Acredita-se que ela tenha uma forte ligação com a Colônia de Kirshdorf em Leme. Segundo o descendente mais antigo da família que ainda reside em Ferraz, senhor Reovaldo Schranck, o pai chamava-se Conrado Schrank e o avô Alberto

Schranck, e ambos tinham familiares em Leme. Segundo ele, o avô Alberto Schranck era alemão, casou-se com sua avó, e ambos vieram morar em propriedade rural na região de Ferraz. A propriedade localizava-se no Matão, em Corumbataí, e seu pai nasceu naquela propriedade. Nela plantavam batata, arroz, milho e trigo para venda e subsistência.

De acordo com Reovaldo, muitas festas da Igreja Luterana no passado eram realizadas no sítio de seus avós Alberto Schranck e Guilhermina Fik Schranck, no Matão, sob os eucaliptos, onde colocavam enfeites, mesas, e ali muitas famílias alemãs dos sítios vizinhos reuniam-se para comemorar. Além das festas, muitos cultos religiosos eram celebrados em uma antiga tulha existente na propriedade de seu avô Alberto Schranck. Assim como acontecia em outras propriedades vizinhas de outras famílias alemãs, os encontros eram bem fraternos e produtivos.

Com o passar do tempo, de acordo com Reovaldo, os pais e avós compraram terras em direção à Vila de Ferraz, então a família deixou as propriedades do Matão indo para aquele novo local. Ali continuaram plantando e colhendo, tinham boas relações com os amigos e parentes, participavam das atividades da Igreja e eram muito envolvidos com a comunidade.

**Figura 30-** O casal Conrado Schranck e Amélia Schmoneck Schranck, pais de Reovaldo Schrank.



Fonte: Arquivo pessoal de Reovaldo Schrank (2016).

Débora Schrank Peleas, uma das descendentes da família e residente em Rio Claro, conta que seu avô Germano Schranck também morava em Ferraz, onde constituiu

família juntamente com sua avó, que eram de origem muito humilde, e dedicavam-se também ao trabalho com o campo.

De acordo com ela, após alguns anos, Germano e sua avó mudaram-se de Ferraz com os filhos para a região de Rio Claro e Limeira, onde estabeleceram raízes, sendo que muitos dos seus progênitos se encontram espalhados por essas cidades e regiões vizinhas.

De acordo com informações de membros mais antigos da Igreja Luterana de Ferraz, Germano Schrank era irmão do Senhor Alberto Schranck, tio de Conrado Schranck, e morava em propriedades rurais na Estrada do Matão, sendo participante ativo desta comunidade alemã. Na figura abaixo, Conrad Schranck no dia de seu casamento. (FIGURA 31).

**Figura 31-** Casamento de Conrado Schranck.



Fonte: Arquivo pessoal de Déborah Peleas Schranck (2016).

Após esses depoimentos referentes à família Schranck, percebe-se que ainda são necessárias informações para que a história se torne completa. Mas dos dados extraídos, acredita-se que, embora os três senhores Alberto, Conrado e Germano Schranck, tivessem tido papel relevante no lugar, foram os dois primeiros Alberto e Conrado que deram continuidade à trajetória dessa família alemã em Ferraz, com o neto e filho Reovaldo Schranck.

## **Família Schneider**

O sobrenome Schneider tem raízes diversas, sendo encontrado em diferentes fazendas de café no interior de São Paulo, em 1850. Acredita-se que os Schneider que se estabeleceram primeiramente em Santo Amaro, em 1827, não tenha relações com os imigrantes que chegaram posteriormente para trabalhar nas lavouras de café. Esse sobrenome é o terceiro mais comum na Alemanha, por isso, o estabelecimento de relações de parentesco é mais difícil. Ainda assim, procuramos traçar alguns caminhos e origens dessa importante família alemã, até chegar em Ferraz.

Segundo Gomes da Silva (2011 apud Witzel-Souza, 2014), em Ibicaba trabalharam Heinrich Schneider, natural da Prússia, sua esposa Anna Bargards, da municipalidade de Chernachbruch, e os filhos Nicolas, Margareth, Juan, Madeleine, Anna, Nicolas e Michael. Essa família havia partido do porto da Antuérpia a bordo do Brigue Belga "Boussoule. Acredita-se que Heinrich era um dos patriarcas mais idosos, tendo este nascido em 1794.

Em 1858, também em Ibicaba, residia a família de Nicolao Schneider, casado com Christiana. Como eram também naturais da Prússia, possivelmente tivessem algum grau de parentesco com o Heinrich; ademais, Nicolao nascera em 1831, podendo ser seu filho. O casal constituía a família N. 63, eram evangélicos e cuidavam de 1500 pés de café, como informa Witter (1982 apud Witzel-Souza, 2014).

Seguidamente, a família – ou as diversas famílias – Schneider espalharam-se pelo interior paulista e por sua capital. De acordo com Luné e Fonseca (1873 apud Witzel-Souza, 2014), em Araras, Johanne (talvez Johanna) Schneider casou-se com Ernst H. Ulrich, com quem teve a filha Johanna (1872). Ernst Ulrich era de Holstein, no extremo norte da Alemanha. Em Piracicaba, Johann Schneider desposou Lydia Friedler, com quem teve o filho Johann<sup>109</sup>. Em Campinas, João Gaspar Schneider assumiu o posto de maquinista, em 1873. E, no mesmo ano, João Carlos Schneider era ferreiro em Rio Verde.

A família também floresceu em Rio Claro, com destaque na parte econômica pois, em 1906, era encontrada a companhia “Schneider & Irmão”, proprietária da “Primavera Fábrica de Cerveja Alemã”.

De acordo com Witzel-Souza (2014), possivelmente relacionados aos Schneider de Ferraz são os imigrantes de Pirassununga e Kirchdorf (Leme). Ainda na Fazenda Cresciumal, Catharina Schneider casou-se com Johann G. Bischof, com quem teve a

filha Johanna (1871). Posteriormente, já estabelecidos em Kirchdorf, Ernst Schneider casou-se com Olinda Winger, de cujo matrimônio veio ao mundo a filha Hermine. Ainda em Pirassununga, encontramos as famílias de Wilhelmine, Louise, Heinrich, Nicolao e Bernardo.

Wilhelmine casou-se com August Beck, ele natural de Wasungen (assim como os Landgraf casados com os Habermann, descritos acima), e de cujo casamento nasceu o filho Elias. Bernardo Schneider manteve laços matrimônios com a mesma família, desposando Maria S. Beck, em 1890. Provavelmente da mesma região, Louise Schneider casou-se com Ernst Landgraf, com quem teve os filhos Daniel (1870) e Simone (1879). Heinrich Schneider, por sua vez, é mencionado, ele mesmo, como natural de Wasungen. Esse alemão casou-se com Christiane Schleifer, tendo Heinrich por filho. E, finalmente, Nicolao é mencionado individualmente no ano de 1868, como morador de Pirassununga.

Em conversa com o senhor Milton Schneider, um dos moradores mais antigos da família, e que mora em Ferraz desde 1948, os seus avós Carlos Schneider e Ana Bude Schneider, vieram da Alemanha para o Brasil, e moravam naquelas regiões de Araras e Leme. No entanto, acredita-se que seja a Colônia de Kirshdorf de Leme.

De acordo com relatos desse descendente da família, o seu avô comprou uma propriedade em Corumbataí, aonde vieram residir seu Pai, irmãos e os avós. Algum tempo depois seu pai João Schneider se casou com sua mãe Sebastiana Ferreira Bueno, e estes passaram a morar em um sítio na estrada que liga Corumbataí a Analândia. (FIGURA 32).

**Figura 32-** O casal Sebastiana e João Schneider, pais do senhor Milton Schneider.



Fonte: Arquivo pessoal de Ivone Habermann Schneider (2016).

Na propriedade dos Schneider, a família se dedicava ao trabalho nas lavouras, plantando principalmente batata, uma das culturas que mais se destacavam no período, como também plantavam e colhiam arroz e milho, uma parte para a venda e outra para garantir o sustento.

Ao mudar-se para Ferraz, no ano de 1948, o senhor Milton passou a frequentar a Igreja Luterana, onde se casou, pois a maior parte dos familiares de sua esposa pertencia à família Habermann, praticavam a fé luterana, e ajudavam, inclusive, nas atividades da comunidade.

Ainda segundo ele, sua família Schneider não tinha o hábito de ir à Igreja. O que se sabe é que seu pai e os avós paternos eram católicos, mas não praticantes. No entanto, foi a partir da sua mudança para Ferraz, que sua descendência alemã começou a reacender, acompanhando sua esposa nas reuniões de grupo da comunidade alemã, tornando-se membro da Igreja, levando os filhos para assistirem aos cultos luteranos, e fazendo muitos amigos de origem alemã.

Para o senhor Schneider, que mora em Ferraz há 68 anos e que preserva as raízes de sua família ao lado dos filhos e netos, é possível guardar boas lembranças do lugar, principalmente quando se fala em integração entre as famílias alemãs e o respeito ao próximo, permitindo estabelecer grandes amizades ao longo do tempo.

### **3.2. A herança cultural alemã na contemporaneidade: festividades em Ferraz**

Apesar do processo de urbanização que alcançou as áreas rurais, principalmente as terras de Ferraz, tentando criar uma nova configuração, aspectos locais são fortemente preservados na atualidade, dentre eles a cultura alemã em Ferraz, de que a comunidade continua mantendo os costumes e as tradições.

Isso pode ser verificado principalmente na temática da religiosidade, com a continuidade das bases fortificadas do luteranismo que permanecem vivas entre os povos de descendência alemã. Assim são realizados festas e eventos tradicionais, que marcam o calendário da comunidade alemã em Ferraz, dentre os quais a Tarde de Pratos, o Culto da Colheita, o Aniversário da Igreja e a Festa da Primavera.

#### **3.2.1 Tarde de pratos na comunidade alemã**

A Tarde de Pratos, realizada pelas senhoras da comunidade alemã na Igreja Luterana de Ferraz, acontecem todos os anos, no mês de maio, próximo à data



comemorativa do Dia das Mães, quando são confeccionados uma variedade de pratos como: bolos, tortas, cufas, pães, rocamboles, mini tortas e pudins para a venda.

As encomendas dos pratos acontecem trinta dias antes da data de realização do evento, para que as mulheres de descendência alemã possam programar-se, fazer a contagem dos pratos vendidos e providenciar os ingredientes para a confecção dos quitutes. A preparação dos pratos começa um dia antes da data de entrega.

O bolo de amendoim alemão é um dos pratos típicos mais procurados e só é encontrado na comunidade alemã de Ferraz, pois sua massa caseira passa por um processo de torragem e moenda do amendoim, com uma cobertura caramelizada do próprio amendoim, que é feito nos fogões a lenha.

Os pães caseiros também são destaque da comunidade alemã de Ferraz, por sua aparência vistosa e massa macia, preparada cuidadosamente e levada a fornos antigos que deixam o pão no ponto correto e consistente, ideal para um café da tarde ou da manhã.

A renda adquirida com todos os pratos nessa comunidade alemã é destinada às despesas diversas da Igreja, incluindo a manutenção do prédio e as reformas que acontecem ao longo do ano e que necessitam de investimentos, além da restauração de objetos considerados patrimônio do templo.

**Figura 33-** Tortas de maçã e Apfel Strudel – fabricados pelas senhoras alemãs de Ferraz.



Fonte: Arquivo pessoal de Regiane Nereide Biasotto (2016).

### 3.2.2 Culto da colheita

O Culto da Colheita acontece uma vez por ano, tradicionalmente no quarto domingo do mês de junho, na Igreja Luterana de Ferraz, coordenado por membros de descendência alemã e luteranos, tendo por objetivo arrecadar alimentos perecíveis ou não, para serem doados a instituições beneficentes do município de Rio Claro e que necessitam de colaborações voluntárias.

As celebrações alusivas à colheita reúnem sequências de orações e agradecimentos pela prosperidade, ou seja, pela colheita de tudo o que foi semeado na terra, tendo como base passagens da Bíblia que falam dessa importância, como citado no versículo de João 12:24: “Na verdade, na verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra não morrer, fica ele só; mas se morrer, dá muito fruto”.

Segundo Niltron Nivaldo Lautenschlager, o Culto da Colheita recebe essa denominação, desde o passado, pois essa área é considerada rural, e sempre reuniu muitos lavradores, os quais tinham um período certo para a colheita, geralmente o mês de agosto, e faziam essa celebração em agradecimento a Deus, doando alimentos colhidos da própria terra. Essa afirmação é complementada na fala:

Os luteranos, a maioria são todos lavradores, né, então o tempo que colhiam frutos, então, por isso que chama festa da colheita, porque eles levavam o fruto deles na igreja: arroz, feijão, e tudo, abóbora, tudo que colhia, que era feito no sítio, mas mais eram alimentos (NILTRON NIVALDO LAUTENSCHLAGER, 2017).

Atualmente, as celebrações da colheita são bonitas, mas de uma forma diferente, pois os produtos não vêm mais diretamente da terra; a maior parte deles, ainda segundo o senhor Nivaldo Lautenschlager, já é industrializada, como ele mesmo diz, nesta fala:

Hoje também é feito o Culto da Colheita, mas a maioria não é mais do produto da terra, é comprado né, também é feito o culto da colheita bonito, mas só que não é com alimentos colhidos da terra, é comprado trigo, açúcar, arroz, feijão, leite, mas é comprado, mas não é como de primeiro que era doação colhida da terra. (NILTRON NIVALDO LAUTENSCHLAGER, 2017).

As mensagens do Culto da Colheita são motivadoras, por citarem o elo entre os povos e terra, e promover jograis<sup>6</sup> e encenações, expondo a importância de distribuir e repartir com os semelhantes, o que condiciona não só um gesto de doação, mas de semear em todo o tempo, principalmente promovendo a comunhão, o amor e a fraternidade.

O Culto da Colheita reúne pessoas não só da comunidade alemã, mas de toda Ferraz, onde católicos e membros de outras religiões, também colaboram com gêneros alimentícios, aumentando as arrecadações, além de participarem, juntamente com os luteranos, desse culto, que é considerado de Ação de Graças.

### 3.2.3 Aniversário da Igreja Luterana de Ferraz

As comemorações alusivas ao aniversário da Igreja Luterana são realizadas, anualmente, no quarto final de semana do mês de outubro. Essa data foi escolhida em razão da proximidade com a data de fundação da Comunidade, que foi no dia 28 de outubro. Nessa festividade, reúnem-se todas as famílias de descendência alemã de Ferraz e do município de Rio Claro.

A respeito dessas festividades a Senhora Dair Cleide Habermann, filha de descendentes alemães de Ferraz, e presbítera ativa da igreja, relata sobre esse acontecimento, expressando uma alegria grande em poder participar dessa comemoração todos os anos:

Hoje é muito bom saber que na igreja mesmo com o passar dos anos se comemora aniversário, se tem uma reflexão sobre a palavra de Deus, Coral Cantando, eu acho que é uma data muito importante até nos dias de hoje para nossa igreja, apesar de muitos anos nunca ficou sem comemorar então, é importante para nós luterano manter essa tradição, esse momento que é muito importante dentro da comunidade (DAIR CLEIDE HABERMANN, 2017).

Os cultos do aniversário da Igreja Luterana acontecem por três dias seguidos, sendo as homenagens assim divididas: 1º dia - mensagem que expõe os acontecimentos históricos com participação de descendentes de famílias alemãs e que fizeram trajetória na igreja do local; 2º dia - encenações e mensagens que marcaram a evolução da

---

<sup>6</sup>Jograis: Apresentação onde são declamados poemas e realizados teatros.

comunidade luterana alemã em Ferraz; 3º dia - apresentações dos Corais Luteranos das Igrejas de Ferraz e de Rio Claro, entoando hinos. (FIGURA 34).

**Figura 34-** Coral Luterano de Ferraz se apresentando no aniversário da Igreja.



Fonte: Arquivo pessoal de Regiane Nereide Biasotto (2016).

As músicas dos cultos do aniversário da Igreja Luterana são tocadas em harmônio musical de pedal, fabricado no ano de 1930. O enchimento do fole do instrumento musical, permite a saída do som, sendo que seus registros são divididos em voz humana e voz celestial, nas tonalidades musicais suave, mediana e forte.

Os hinos dos cultos do aniversário da Igreja Luterana, mais tradicionais cantados são: “Deus é Castelo Forte” de autoria de Martin Lutero, idealizador da Reforma Protestante na Alemanha e “Da Igreja é Fundamento” de autoria do alemão Samuel Sebastian Wesley, falando sobre a edificação da Igreja Luterana, construída por graça e fé, e que se mantém viva com o passar dos anos.

Todas as comemorações de aniversário da Igreja Luterana de Ferraz são abertas para visitantes fazerem suas homenagens à comunidade alemã, e participarem de confraternização no salão ao lado do templo, com doces feitos por senhoras das famílias de descendência alemã de Ferraz. Essa festividade fortalece a comunhão entre as famílias de descendência alemã local.

### **3.2.4 Festa da Primavera**

A Festa da Primavera, promovida anualmente pela comunidade alemã de Ferraz, é realizada, anualmente, no terceiro sábado do mês de setembro e comemora o início da

estação da Primavera trazendo o colorido, a naturalidade e a exuberância das paisagens de Ferraz.

Esse evento é parecido com uma festa de quermesse, com barracas de doces, salgados, bebidas, roleta, brinquedos (pescaria, jogo da argola) e som e música ao vivo.

A equipe organizadora é constituída por membros da Igreja Luterana de Ferraz, que recebem o apoio de diversos setores da sociedade, como comércio, outras comunidades religiosas e moradores do bairro os quais auxiliam na concretização da festividade.

A Festa da Primavera, promovida pela comunidade alemã de Ferraz, traz duas semelhanças com a Fruhlingsfest, uma festa de origem germânica, em que pessoas se reúnem para celebrar a vida e comunhão uns com os outros, dando início à nova estação presente.

A respeito dessa comunhão vivenciada na Festa da Primavera, organizada pela comunidade alemã e que reúne muitas pessoas, o Senhor Niltron Nivaldo Lautenschlager relata:

Ela é importante para a comunidade porque reúne todo o pessoal da igreja e também os que não são da igreja então além de arrecadar fundos e dinheiro é um dia de festividade muito importante (NILTRON NIVALDO LAUTENSCHLAGER, 2017).

O modelo de quermesse atribuído a essa comemoração deve-se ao fato de que as pessoas que residem em Ferraz estão familiarizadas com esse tipo de festividade, o que permite angariar fundos financeiros para os trabalhos e reformas desenvolvidas na Igreja Luterana de Ferraz. Assim, as reformas nas dependências externas e internas da igreja, provêm de arrecadações adquiridas com a Festa da Primavera alemã que, além de animar o local todos os anos, contribui com a Igreja, como informa a Senhora Doracy Sanchez Lautenschlager de 81 anos:

Eu acho que a Festa da Primavera anima o lugar aqui, e é muito boa para ajudar a Igreja, o lucro que dá a gente faz as coisas que a igreja precisa consertar o telhado, às vezes, tem um vazamento, a gente conserta com o dinheiro que dá a festa da primavera. (DORACY SANCHEZ LAUTENSCHLAGER, 2017)

A Festa da Primavera também reúne pessoas de diferentes localidades, como dos municípios de Rio Claro, Corumbataí, Analândia, Ribeirão Preto e São Paulo, pois

as famílias de Ferraz têm conhecidos ou parentes que viajam para prestigiar o evento, reacendendo a integração entre as pessoas e o lugar. (FIGURA 35).

**Figura 35-** Barraca dos doces da Festa da Primavera do ano de 2015.



Fonte: Arquivo pessoal do próprio autor (2015).

Dessa forma, os sentimentos de identidade e pertencimento pela terra se mantêm presentes nos descendentes de alemães que vivem nesse lugar, e são evidenciados, sobretudo, a partir das festividades culturais e religiosas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A área em estudo nesta pesquisa é a comunidade formada pelos alemães e posteriormente por seus descendentes, inserida no bairro de Ferraz. Esse bairro é considerado rural, por apresentar características agrícolas, relações familiares e de trabalho, que propiciam características como a sociabilidade, não havendo posição social determinada; condições de vida igualitária, e abarcando fatores sociais, culturais e econômicos que apresentam particularidades.

Ferraz teve sua formação ligada à Ferrovia, com a construção da Estação de Trem, que deu oportunidade aos comerciantes e famílias, os quais começaram a migrar para as propriedades próximas à estação, dando início a formação de um povoado. As famílias que se instalavam, buscavam melhores condições de vida, e eram de diferentes nacionalidades, destacando-se a alemã.

Os imigrantes alemães que se fixaram em Ferraz, eram pessoas que tinham economias reservadas e aproveitaram a crise do café para adquirir terras por preços mais baixos, principalmente de fazendas e colônias em falência. Esses imigrantes encontraram nessa localidade, elementos geográficos favoráveis como clima, temperatura, pluviometria, relevo e hidrografia para o desenvolvimento da produção agrícola e tinham como pilares a educação, religião Luterana e a estrutura familiar.

Assim, mantendo tradições e princípios de seu país de origem, houve a formação da Comunidade Alemã de Ferraz. Vale destacar que, a princípio, as questões religiosas e educativas em Ferraz se desenvolveram praticamente juntas, uma vez que, no mesmo local onde ocorriam os encontros religiosos, também funcionava a escola. Nota-se então que naquela época, havia uma preocupação das famílias alemãs com a educação dos filhos assim como também se importavam com os aspectos religiosos da propagação da fé e foi assim que as famílias alemãs imigrantes e pioneiras na ocupação de Ferraz, deixaram legado histórico e cultural aos seus descendentes.

Muitos familiares de descendentes alemães de Ferraz, ali ainda residem ou são donos de propriedades e guardam consigo lembranças, de fatos que marcaram suas histórias de vida, possibilitando a construção de noções de identidade e pertencimento com a terra e com o patrimônio cultural da localidade.

Dessa forma, através da utilização de elementos da história social, com relatos de descendentes das famílias alemãs pioneiras, foram identificados e descritos fatos da trajetória (vivências, experiência, sentimentos, anseios, batalhas, dificuldades) dessa comunidade ao longo do tempo. Então, unindo esse material com a observação, entrevistas, representação por arquivos, fotos e documentos antigos, pertencentes, sobretudo às famílias, foi possível a reconstrução da história social da comunidade alemã do bairro rural de Ferraz.

No que se refere aos tempos atuais, a comunidade alemã de Ferraz, ainda é marcada pela integração entre as pessoas e caracterizada pela memória e existência de um patrimônio cultural na localidade, firmando um caráter identitário da comunidade alemã com o território que ocupa.

Sobre as memórias, os descendentes as guardam entre si, seja por meio de costumes, vivências, lembranças do passado que contribuem para reafirmar a identidade, seja individual ou coletiva, contribuem para a manutenção do patrimônio cultural local. O patrimônio cultural deixado pelas famílias alemãs pioneiras reúne valores e elementos materiais e imateriais atribuídos, ao longo do tempo através de relações entre os sujeitos (as famílias descendentes) construindo uma identidade, e reafirmando o elo memorial. A identidade nessa comunidade de descendência alemã de Ferraz constrói um envolvimento de permanência das pessoas com elas mesmas, ou em várias interações com a cidade de Rio Claro.

Portanto, os resultados da pesquisa de campo, com as famílias descendentes de alemães de Ferraz, reforçam a identidade com o Lugar; as memórias que envolvem a saudade da terra de origem, a vida na propriedade rural com antepassados – avós e pais; as lembranças dos antigos eventos da Igreja e do antigo Prédio escolar; os cuidados com a lavoura e a satisfação com o campo.

Assim, os povos alemães que se estabeleceram em Ferraz, deixaram como herança, ao longo das gerações, a construção de um patrimônio cultural edificado, produzido pelas famílias que, com suas crenças, costumes, tradições e modo de vida, configuraram a paisagem cultural local e fortaleceram a memória individual e coletiva.

No âmbito do patrimônio cultural, a importância dessa comunidade, assim como de outros núcleos de descendência alemã no Estado de São Paulo, incentivou o fortalecimento do grupo permanente de pesquisa sobre as relações “Alemanha e interior de São Paulo”, denominado de Davatz-Sangbaul, formado por descendentes alemães e composto por estudantes de universidades brasileiras e alemãs, e que tem por objetivo a



recuperação da memória da imigração alemã no Estado de São Paulo e fornecimento de uma base permanente de estudos acadêmicos, a respeito das relações que os envolvem tanto do ponto de vista histórico quanto contemporâneo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V. *Manual de História Oral*. 3ªed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALVES, J. *A dinâmica agrária do município de Ortigueira (PR) e a reprodução social dos produtores Familiares: uma análise das comunidades rurais de Pinhalzinho e Vila Rica*. 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

ATLAS AMBIENTAL DA BACIA DO RIO CORUMBATAÍ. Disponível em: <<http://ceapla2.rc.unesp.br/atlas/>>

BASSANEZI, M. S. C. B. *Imigração e oportunidades de trabalho no Período Cafeeiro*. Campinas: Ed. Unicamp, 1992. (Textos do Núcleo de Estudos de População, 21).

BOMBARDI, L. M. *O Bairro rural como identidade territorial: e especificidade da abordagem do campesinato na geografia*, São Paulo, n 01, jul/dez. 2004. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/revistaagraria>. Acessado em: 15 jun. 2017.

BRANDENBURG, A. *Do Rural Tradicional ao Rural Socioambiental*. Ambiente e Sociedade. Campinas. Ambiente e Sociedade. Volume XIII n.2, p.417-428, julho-dez 2010.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. *Lei complementar n. 82 de 25 de setembro de 2013*. Dispõe sobre o zoneamento urbano, uso e ocupação do solo no município de Rio Claro-SP. Artigo 10 regulamenta Ferraz. Disponível em: <[http://www.rioclaro.sp.gov.br/pd/arquivos/pd\\_2013/4-LEI-COMPLEMENTAR-N082.pdf](http://www.rioclaro.sp.gov.br/pd/arquivos/pd_2013/4-LEI-COMPLEMENTAR-N082.pdf)>

BURK, P. Modelos e métodos. In.*História e teoria social*. 2ª Ed. São Paulo: Unesp, 2012. p. 43-74.

CARLOS, A. F. A. *Espaço-Tempo na Metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.p.244.

CARLOS, A. F. A. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTRO, H. “História social” In CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades, 1975.

CHARTIER, R. *Uma crise da História? A História entre narração e conhecimento*. In: Pesavento, Sandra. (Org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: UFRGS, 2001. P. 115-140.

CORDEIRO, L. R. *A (re)valorização do patrimônio e as transformações da paisagem: o exemplo da região norte do estado do Rio de Janeiro*. 2011. Dissertação (Mestrado) – UERJ.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. *Geografia Cultural: Introduzindo a Temática, os Textos e uma Agenda*. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 9-18.

CORDEIRO, L. R. Denis Cosgrove: As paisagens e as imagens. *Revista Espaço e Cultura Nº 29* UERJ – RJ, p. 7-21, Jan-Jun/2011.

COSGROVE, Denis. “*Observando la naturaleza: el paisaje y el sentido europeo de la vista*”, Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles, nº34 – 2002, págs 63-69

COSTA, E. B. *A Concretude do Fenômeno do Turismo e as cidades patrimônio mercadoria: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2010.

COSTA, L. C. N; GASTAL, S. A. *Paisagem Cultural: diálogos entre o natural e o cultural*. In: VI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL. Anais... Caxias do Sul, 2010.

DEAN, W. *Rio Claro – Um Sistema Brasileiro de Grande Lavoura 1820-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

DINIZ, D. L. *Rio Claro e o café: desenvolvimento, apogeu e crise (1850-1900)*. 1973. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Rio Claro, 1973.

DUNCAN, J. O superorgânico na geografia cultural americana. In: CORRÊA, R. L.e ROSENDAHL, Z. *Introdução à geografia cultural*. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2003. p. 63-102.

FERNANDES, F. In: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. *São Paulo: Anhembi*, 1971.p.56-57

FERREIRA, L. F. Iluminando o Lugar: três abordagens (Relph, Buttimer e Harvey). *Boletim Goiano de Geografia*. Goiânia, v. 22, n.01. p. 43-72. jan/julho 2002.

GOMES DA SILVA, F. C. *Imigrantes Germânicos e Suíços na Província de São Paulo. Século XIX*. Pirassununga: Author's Independent Edition, 2011.

GOUVÊA, F. M. *Os Imigrantes Alemães em Rio Claro: estratégias de sobrevivência e redes de sociabilidades nos séculos XIX e XX*. 2011. Dissertação (Mestrado) – Franca.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Agência Rio Claro-SP.

KREUTZ, L. *Material Didático e Currículo na Escola Teuto-Brasileira*. Série Estudos Teuto Brasileiros nº 02. Editora São Leopoldo. RS. 1994 Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

LAUTENSCHLAGER, Q. M. *Aspectos Físicos, História e Desenvolvimento Socioeconômico de Ferraz – Município de Rio Claro (SP)*. 1992. Trabalho de Graduação – Unesp/ Rio Claro.

LE BOURLEGAT, C. A. *Construção humana de espaço, lugar e território*. Campo Grande. Editora da Universidade Católica Dom Bosco, 2006.

LEFEBVRE, Henri. *Perspectivas da Sociologia Rural*. In: MARTINS, J. de Souza. *Introdução e Crítica a Sociologia Rural*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1986. p. 152-160.

LE GOFF, J. *Patrimônio histórico, cidadania e identidade cultural: o direito à memória*. In: BITTENCOURT, C. (Org.) *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997.

LUNÉ, A. J. B.; Paulo D. da Fonseca (1873). *Almanak da Província de São Paulo para 1873*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/Arquivo do Estado. Reprodução Fac-similar da edição da Typographia Americana, 1973.

MACEDO, D. R. et al. *The relative influence of catchment and site variables on fish and macroinvertebrate richness in Cerrado biome streams*. *Landsc. Ecol*, 2014. 29.

MONASTIRSKY, L. B. *Espaço urbano: memória social e patrimônio cultural*, *Revista Terr@ Plural*. Ponta Grossa, v. 3, n. 2, p. 323-334, jul./dez. 2009.

MÜLLER, N. L. *Tipos de sítios em algumas regiões do Estado de São Paulo*. São Paulo, FFLCH - Universidade de São Paulo, 1946. Tese de Doutorado em Geografia Humana. MUNANGA, K. *Negritude: Usos e Sentidos*. 2 ed. São Paulo: Ática, 2004.

NIGRO, C. *As dimensões culturais e simbólicas nos estudos geográficos: bases e especificidades da relação entre patrimônio cultural e geografia*. In: PAES, Maria

Tereza Duarte; OLIVEIRA, Melissa Ramos da Silva (Orgs). Geografia, turismo e patrimônio cultural. São Paulo: Annalube, 2010.

PENTEADO, O. A. *Corumbataí* (Subsídio para a História). Piracicaba-SP: Ed.Franciscana, 1980.

PESAVENTO, S. Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

POLLAK, M. *Memória e Identidade Social. Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

PROST, A. A história social. In. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.p.189-209.

QUEIROZ, M. I. P. *Bairros rurais paulistas: dinâmica das relações bairro rural - cidade*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.

SANTOS, J. P. *Memória e patrimônio cultural de vitória, ES: um estudo sobre as igrejas católicas do centro da cidade*. 2014. Monografia (Bacharel em Geografia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: espaço e tempo; razão e emoção*. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SASAKI, K. A contribuição da Geografia Humanística para a compreensão do conceito de Identidade de Lugar. *Revista de Desenvolvimento Econômico-RDE*, Salvador, ano XIII, n. 22, p.112-120, dez. 2010.

SEYFERTH, G. A dimensão cultural da imigração. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.26, Nº 77 , p. 47-62, Outubro/2011.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.p.182-189.

TUAN, Y. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

WITTER, J. S. *Ibicaba, uma experiência pioneira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1982.

WITZEL – SOUZA. B. G. *Imigrantes Germânicos em Ferraz: subsídios à história local e memórias Familiares*. Mimeo, 2014.

## APÊNDICE A

### ENTREVISTA: IMIGRANTES E DESCENDENTES ALEMÃES DE FERRAZ

1. Fale sobre sua família próxima: pai, mãe, irmãos, e outros que pode lembrar.
2. Fale sobre sua família atual que formou: marido/esposa, filho(a)s.
3. Seu marido/esposa era de família distante ou próxima? Também imigrante?
4. Nasceu neste local? Se não, veio de onde e qual o motivo da mudança? Veio direto para Rio Claro- SP ou outro lugar antes?
5. Sempre morou neste lugar? Se não, onde morou antes?
6. Morou área urbana ou rural?
7. Lembra-se da infância? Conte-nos sobre.
  - 5.1. Como era o lugar?
  - 5.2. O que existia neste lugar que tinha sentido para você? O bairro? As casas? Transporte? Escola? Lavoura? Fale sobre isso.
  - 5.3. Como era a vida na casa dos seus pais/avós/tios?
  - 5.4. Como era o trabalho? Quem trabalhava? A família? Empregados? Que tipo de empregados (colonos, escravos, dentre outros).
8. Como era vida das mulheres em épocas passadas?
9. Como era vida dos homens em épocas passadas?
10. Frequentou escola? Onde? Como era a vida na escola? Estudou até que série?
11. Frequentou igreja? Qual? A igreja era importante? Qual o envolvimento da Igreja com a comunidade?
12. Havia festas? Quais? Quem organizava? Era restrita ao bairro ou não?
13. Como era o trabalho na época?
14. E hoje, o que mudou? Porque acha que mudou? Acha melhor ou pior, por quê?
15. Tem saudade de algo de épocas passadas? O quê?
16. Tem algum sonho? Qual?

DATA: Maio, 2016.

### APÊNDICE B

#### **ENTREVISTA: DESCENDENTES E FAMILIARES DE DESCENDENTES ALEMÃES DE FERRAZ**

- 1- Como são as festividades de aniversário da Igreja Luterana de Ferraz?
- 2- A comunidade alemã de Ferraz comemora todos os anos o Culto da Colheita? Por que recebeu este nome "Culto da Colheita"?
- 3- A Festa da Primavera alemã foi criada pelos Luteranos de Ferraz para que finalidade?
- 4- Neste evento da Primavera, se reúnem só alemães ou povos de outras origens?
- 5- Os pratos confeccionados nas tardes de pratos: bolos, tortas, pães, são todos de origem alemã?

DATA: Junho, 2017.